ILUSTRAÇÃO

N.º 236 — 10.º ano

16-OUTUBRO-1935

PREÇO 5 escudos

INDISPENSAVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra, incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados
sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência,** ou na sua falta, **como no interior,** e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica,** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFICIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDAVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

Indispensável a tôda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$10	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado..... 10$00
Eurico, o presbítero, (Romance). — 388 páginas, brochado..... 10$00
O monge de Cister, (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado 20$00
Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado..... 20$00
História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado..... 96$00
Estudos sôbre o casamento civil — 284 páginas, brochado 10$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado..... 30$00
Composições várias — 374 páginas, brochado..... 10$00
Poesias — 224 páginas, brochado..... 10$00
Cartas (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado..... 20$00
Opúsculos:

Vol. I *Questões públicas* — tomo I, 311 páginas
» II *Questões públicas* — tomo II, 341 páginas
» III *Controvérsias e estudos históricos* — tomo I, 339 páginas
» IV *Questões públicas* — tomo III, 300 páginas
» V *Controvérsias e estudos históricos* — tomo II, 323 páginas
» VI *Controvérsias e estudos históricos* — tomo III, 309 páginas
» VII *Questões públicas* — tomo IV, 294 páginas
» VIII *Questões públicas* — tomo V, 324 páginas
» IX *Literatura* — tomo I, 295 páginas
» X *Questões públicas* — tomo VI, 310 páginas

Cada volume, brochado..... 10$00

Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado..... 12$00

Com encadernação em percalina, mais 5$00 por volume

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO
Dr. Agostinho de Campos
Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

Afonso Lopes Vieira, um volume. — **Alexandre Herculano,** um volume. — **Antero de Figueiredo,** um volume. — **Augusto Gil,** um volume. — **Camões lírico,** 1.º, 2.º, 3.º e 4.º volumes. — **Eça de Queirós,** dois volumes. — **Fernão Lopes,** três volumes. — **Frei Luís de Sousa,** um volume. — **Guerra Junqueiro,** verso e prosa, um volume. — **João de Barros,** um volume. — **Lucena,** dois volumes. — **Manuel Bernardes,** dois volumes. — **Paladinos da linguagem,** três volumes. — **Trancoso,** um volume.

Em preparação: **Camões lírico,** 5.º volume.

Cada volume brochado..... **12$00**
Cada volume encadernado.... **17$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND - 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Uma interessante edição cinéfila

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR

DE JÚLIO DINIZ

Edição ilustrada com 32 heliogravuras representando cenas com os personagens que figuram no filme extraido da notavel obra do grande escritor e com uma carta prefácio de *Leitão de Barros.*

1 vol. de 332 págs., no formato de 26 × 18,5 esplendidamente impresso em bom papel, com uma lindissima capa, brochado . . . . . **15$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LSIBOA

Quando nos dóem os dentes pensamos em tudo para nos libertarmos d'esse sofrimento.

Felizmente com dois comprimidos de Cafiaspirina, sem o minimo prejuizo para o organismo, a dôr desaparece e renasce o bem-estar.

BAYER

Cafiaspirina
O PRODUTO DE CONFIANÇA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol de 326 págs., ilustrado, encad., **17$00**; broc., **12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND,** *73, R. Garrett, 75-*LISBOA

As edições da LIVRARIA BERTRAND, encontram-se à venda na Minerva Central — Rua Consiglieri Pedroso
Caixa postal 212 LOURENÇO MARQUES

Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

CÓMICOS (Novela) — 276 págs., brochado ..... 10$00
DOIDA DE AMOR (Novela) — 276 págs, brochado..... 10$00
D. PEDRO E D. INES (Romance) — 322 págs., brochado... 12$00
D. SEBASTIÃO — 464 págs., brochado ..... 14$00
ESPANHA — Nova edição..... no prelo
JORNADAS EM PORTUGAL — 404 págs., brochado..... 12$00
LEONOR TELES (Romance) — 395 págs., brochado..... 12$00
O PADRE SENA FREITAS (Conferência) — 64 págs., broch. 3$00
RECORDAÇÕES E VIAGENS — 328 págs., brochado..... 12$00
SENHORA DO AMPARO — 292 págs., brochado..... 12$00
TOLEDO (Impressões e evocações) — *Indice:* Viagens — A caminho — Chegada — "Plazas y plazuelas; calles e callejones„ A Alcáçova da Saüdade — As "Sabatinas„ na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — "El greco„ — En "San Juan de los Reys„ — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Treva! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta — 226 págs., brochado..... 10$00
O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS — 375 págs., brochado..... 12$00
A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER — (Conferência) Esgotado.
MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — (Discurso) Esgotado.
MIRADOURO, Tipos e Casos — 320 págs., brochado..... 12$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de AQUILINO RIBEIRO

ANATOLE FRANCE (Estudo) — 79 págs., brochado..... 5$00
ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES — 356 págs. brochado.. 12$00
ESTRADA DE SANTIAGO (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.) — 408 págs., brochado..... 12$00
FILHAS DE BABILÓNIA (Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) — 320 págs., brochado..... 12$00
O HOMEM QUE MATOU O DIABO (Romance) — 353 págs., broch. ..... 12$00
JARDIM DAS TORMENTAS (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão sentimental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) — 328 págs. brochado ..... 12$00
TERRAS DO DEMO (Romance) — 332 págs., brochado..... 12$00
VIA SINUOSA (Romance) — 360 págs., brochado ..... 12$00
A BATALHA SEM FIM (Romance) — 308 págs., brochado... 12$00
AS TRES MULHERES DE SANSÃO (Novelas) — 268 págs., brochado ..... 10$00
MARIA BENIGNA (Romance) — 286 págs., brochado..... 12$00
É A GUERRA — Diário da grande conflagração europeia, — 304 págs, brochado ..... 12$00
ROMANCE DA RAPOSA, 2.ª edição muito remodelada, com ilustrações de *Benjamin Rabier*, 1 vol. de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras no texto, 16 estampas a côres em hors-texte e capa a côres..... 15$00
ALEMANHA ENSANGUENTADA, 1 vol. de 312 págs., broc. 12$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Minerva Central

LIVRARIA, PAPELARIA e OFICINAS GRÁFICAS

A mais antiga e importante da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as principais casas editoras de ESPANHA, FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA, ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES" e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS

Fachada dos Estabelecimentos da **Minerva Central** em Lourenço Marques na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório dos melhores fabricantes europeus e americanos

TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO E FABRICO DE CARIMBOS DE BORRACHA

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212 **End. Teleg. MINERVA**

LOURENÇO MARQUES
— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —
Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de **Dr.ª Sára Benoliel** e **Dr. Edmundo Adler**, com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire** e com a colaboração do **Dr. Heitor da Fonseca.**

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 5.ª edição actualisada
DE
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
DA Biblioteca de Instrução Profissional
pelo engenheiro João Emílio dos Santos Segurado

Considerações gerais. Pedras de construção, aviamentos, cal, areias, pozolanas, gêssos e produtos cerâmicos, madeiras para construções, ferro, metais e substâncias diversas, etc.

1 vol. de 558 págs., com 45 tabelas e 300 gravuras, encadernado em percalina 30$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA
:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::
AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE
CASA FUNDADA EM 1874
Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa
TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo
Orçamentos Grátis
Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA
Telefone 2 2074

Estoril-Termas
ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

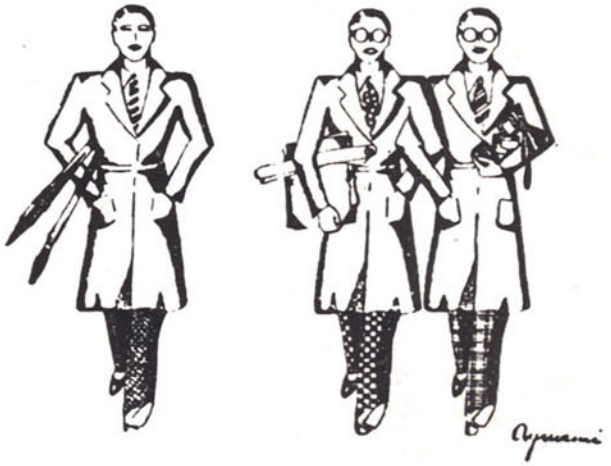
Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc. — — — — —

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultravioletas, DIATERMIA e Maçagens. — — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

GRAVADORES
IMPRESSORES



TELEFONE 2 1308
BERTRAND IRMÃOS, L.DA
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

UM ROSTO ENCANTADOR POR ALGUNS ESCUDOS

Um célebre especialista de dermatologia descobriu, para o pó de arroz, um novo e maravilhoso ingrediente, chamado «Mousse de Crême». V. Ex.ª pode dançar, tôda a noite, na mais quente das salas de baile e, no entanto, evitar qualquer vestígio de luzidio no nariz e no rosto, se empregar o pó de arroz com «Mousse de Crême». No Pó Tokalon, a «Mousse de Crême», está cientificamente misturada, em proporções rigorosas, com o pó mais subtil e fino, segundo um processo patenteado. Isto faz conservar o Pó Tokalon durante todo o dia, mesmo que faça vento forte ou caia chuva violenta. O Pó Tokalon é tão fino e tão leve que pessoa alguma adivinhará, que a tez perfeita conseguida com êle, não é absolutamente devida à beleza natural de V. Ex.ª

Está à venda em tôdas as perfumarias e boas casas da especialidade. Não encontrando, pode escrever ao Depósito Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

N.º 236 — 10.º ANO
16 - OUTUBRO - 1935

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

Alfredo Keil e "A Portuguesa"

5-10-1907 — 5-10-1910

O hino nacional "A Portuguesa", surgindo num momento de enervamento patriótico, teve a sua consagração oficial no dia 5 de Outubro de 1910 com o advento da República. Brotava do cérebro ardente dum jovem compositor que à semelhança de Rouget de Lisle, conseguira fazer vibrar nessas notas musicais tôda a indignação indomável duma raça de herois.

Decorreram os anos, mas o povo não esqueceu nunca o seu hino.

A Monarquia caminhava frouxamente para o seu fim, patenteando uma tal ou qual indiferença pelo golpe fatal que a esperava.

No dia 5 de Outubro de 1907, os jornais anunciaram a morte do ilustre compositor Alfredo Keil, o inspirado autor da música de "A Portuguesa" para a qual Henrique Lopes de Mendonça escrevera a letra.

Morria o autor do hino, mas êste ficava na alma popular. Nas horas de incerteza, a multidão entoa-lo-ia, e, ora murmurando docemente como uma prece, ora rugindo fragorosamente como uma maldição, a sua música seria o melhor balsamo para as chagas profundas da sua tristeza.

Seja o eco duma afronta
O sinal de ressurgir!

No dia 5 de Outubro de 1907, o corpo inerte do autor "A Portuguesa" aguardava, coberto de flôres que mãos piedosas lhe dessem a sepultara a que tinha direito.

Ninguem poderia supor que, três anos depois, essa canção guerreira se transformaria no hino oficial duma pátria!

Três anos precisamente. 5 de Outubro de 1910!

É possível que no seu regresso da Alemanha, Keil, retido no leito pela enfermidade que o vitimou, ouvisse muitas vezes entoar o seu famoso hino. Nesse ano de 1907 andavam exaltados os ânimos e planeava-se abertamente a queda do regime monárquico anquilosado pela inercia dos seus dirigentes.

Sonhava-se com um Portugal de todos os portugueses em que a Justiça e o Direito surgissem como anjos protectores, banindo para sempre a sanha despótica dos senhores feudais da Idade Média.

A multidão era atraída aos comícios

Henrique Lopes de Mendonça e Alfredo Keil

pelos apóstolos da nova ideia, e nos ares restrugiam as notas fortes e vibrantes de "A Portuguesa".

Herois do mar, nobre povo,
Nação valente e imortal
Levantai hoje, de novo,
O esplendor de Portugal!

É possível que o inspirado maestro dos "Tojos e Rosmaninhos", da "D. Branca", da "Serrana" e da "Irene", sentisse algum lenitivo à sua agonia, ouvindo ao longe ecoar o seu hino que todo o povo português decora com devoção.

Alfredo Keil manifestou-se um grande artista como pintor, e como compositor e como poeta. Mas o que o tornou popularíssimo foi êsse hino formidável que, numa hora de confrangimento da alma da pátria, caía no ouvido das massas, incitando-as a uma nova fé e mostrando-lhes o valor duma esperança de novas eras.

No dia 5 de Outubro de 1907, Alfredo Keil desceu à sepultura, deixando-nos uma promessa na sua imortal composição musical e fixando-nos até o momento de acção:

Seja o eco duma afronta
O sinal de ressurgir!

Com efeito, em 5 de Outubro de 1910, a alma nacional, entoando as notas estridentes de «A Portuguesa», proclamou a República como redenção suprema dum povo martirisado neste cantinho da Europa, e que, tendo «dado mundos novos ao mundo» se sentia com direitos sacratíssimos.

A alma da Raça vibrava:

De entre as brumas da memória,
Ó Pátria, sente-se a voz
Dos teus egrégios avós
Que hão de guiar-te à victória!

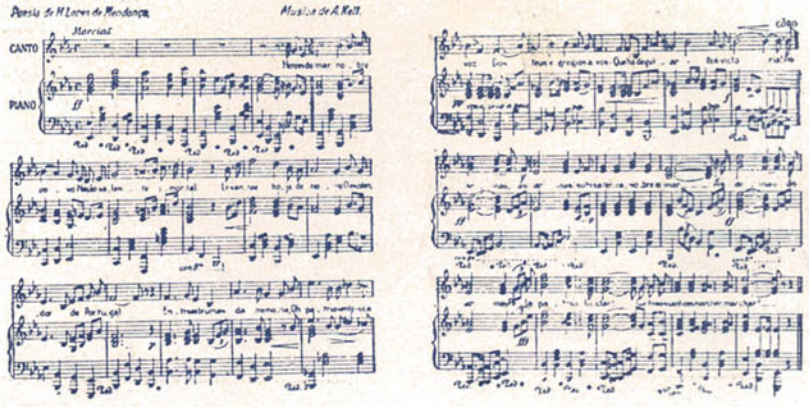
Fazia-se baquear um trono sete vezes secular? E porque não? A alma de Afonso Henriques continuaria a proteger a independência nacional.

Foi a um rei português que o inflexível conselheiro atirou o seu famoso «senão, não!» e foi a outro rei seu neto que Fernão Vasques, depondo a tesoura do ofício, exigiu a expulsão da barregã que conspurcava o trono e a dinastia.

Quando o Cardeal-Rei se inclinava a «deixar em testamento Portugal aos castelhanos», foi ainda o povo que manifestou o seu heroísmo, cerrando fileiras em volta do malparado Prior do Crato.

Em 1910 entoou «A Portuguesa» que traduzia fielmente tudo o que refervia na sua alma exaltada.

A PORTUGUEZA



O rei D. Carlos I

A AUDACIA DE UM AVENTUREIRO

A verdadeira crónica do "Marquês de Famalicão,,

que se pretendia fazer passar por filho bastardo do rei D. Carlos

EM Abril de 1924, em certa manhã invernosa, apeou-se em Roma, vindo de Génova no *Directíssimo*, todo janota e com bonèzinho de pala, um cavalheiro ainda novo. Desceu no *Hotel Bristol* que é um dos melhores, mas depois, talvez para *marcar*, transferiu-se para o *Excelsior* o melhor de todos.

Quando eu ia para sair de casa, encontrei na Portaria uma carta do aparatoso cavalheiro, escrita em francês, convidando-me familiarmente, mesmo *sem me conhecer*, a tomar chá no *Excelsior*.

Reparei em que usava no papel as iniciais J. C. de B. e se assinava *José C. de Bragança*. Reparei ainda que o seu francês não era legítimo: — punha o seu errozito de gramática e de ortografia...

Desconfiei de tão estranha amabilidade e resolvi tomar chá à minha custa.

Este *Bragança*, que tive a curiosidade de ir observar, de perto, no elegante *fumoir* do *Excelsior*, apresentava-se como irmão natural do rei D. Manuel II e, portanto, como filho e sobrinho bastardo, respectivamente, do rei D. Carlos I e do Infante D. Afonso, e usava o pomposo título de Marquês de Famalicão.

Parece-me que êste nobre parentesco lhe produzia apreciáveis vantagens mundanas e outras de variada espécie...

A's 5 horas anunciei-me, e surgiu-me pela frente, de petulante monóculo entalado no ôlho, um rapaz dos seus 30 anos, loiro, gordo e já careca, o qual, com inexcedivel prosápia, me cumprimentou em mau português.

Desculpei-me de não poder aceitar o seu convite, pois recebera outro precedente. Puxou de um charuto, e sentámo-nos.

Sua Alteza lamentou a coincidência e explicou-me que o seu fim era ser recebido por Sua Santidade, a quem precisava absolutamente *falar a sós!*

Respondi-lhe, com a modéstia própria dos melhores espíritos, não ser pessoa competente para lhe obter tal colóquio e, já desconfiado da sua categoria e até da sua moralidade, informei-o de que o Papa não concedia *audiências privadas* senão a chefes de Estado, ministros ou outros diplomatas *acreditados*, ministros de negócios estrangeiros em exercício, príncipes de sangue real, etc.

E acrescentei: "Se V. Ex.ª não possue algum dêstes predicados, resta-lhe, porque é português, o dirigir-se ao nosso ministro...,,

Sua Alteza, contrariado, insistiu em que precisava de conversar *a sós* com o Santo Padre, e não gostaria, por melindre político, de entrar em relações com o nosso ministro; no entanto, iria à Legação.

E foi, terminando por informar o conselheiro da Legação, sr. Arenas de Lima, na ausência do ministro, de que o seu fim era "arranjar um retrato do Papa com assinatura autógrafa para o reproduzir e distribuir por todos os empregados do banco que êle dirigia na América e era profundamente católico,,.

Como aparecia *acreditado* por uma carta de certo cardial americano, o conselheiro da Legação disse-lhe que podia manter o seu melindre político e apresentar-se no Vaticano com a carta, o que êle fez. Conseguiu assim, sem grande dificuldade, não a ambicionada audiência *a sós*, mas o retrato do Papa com a assinatura autógrafa.

Era, então, nosso consul geral em Génova o falecido poeta Jaime de Seguier, cujos sentimentos monárquicos nunca ocultava. Informado da alta gerarquia *del personaggio*, através um colóquio cheio de palavrinhas doces e acompanhado de repetidas contumélias rigorosamente protocolares, acabou por lhe oferecer um chá em sua casa.

O famoso «Marquês de Famalicão»

Assistiram ao *five-o-clock-tea* numerosas pessoas das categorisadas relações de Jaime de Seguier e o corpo consular residente naquela cidade.

Tôdas as damas, principalmente, ao corrente da alta gerarquia do *cavalheiro*, acharam-no muito parecido com o papá, *un garçon très simpathique*. O costume...

O heroi da festa, acompanhado por um *jovem secretário*, que se intitulava membro de uma das mais antigas famílias de Guimarães, portou-se bem e encantou positivamente os donos da casa. O *diamante* que ostentava no peitilho da camisa causou sensação.

Um nosso adido de legação, de passagem em Génova, igualmente compareceu no chá de *monsieur le Consul* (os adidos de Legação, no estrangeiro, falam sempre francês) e caíu em emprestar ao *príncipe* duas magníficas malas de mão, em coiro da Rússia, para êle se transferir para Roma, onde o levava "importantíssima missão político-diplomática junto do Santo Padre.,,

Constou-me depois que foi êste ingénuo adido de legação quem lhe indicou o meu endereço e o aconselhou a entender-se comigo, não só para o auxiliar na sua importantíssima missão, mas ainda para o *guiar* na Cidade Eterna e aí lhe mostrar... a célebre Cloaca Máxima, etc.

Este *Bragança* de bonèzinho de pala — e que pala! — tal qual o rei D. Carlos I, era gordo e loiro e os seus olhitos azues lembravam os dos autênticos Braganças. Mas era baixo, atarracado e já careca.

Desconfiei do sujeito logo que me convidou para o chá no *Excelsior* e como não me convenci de que êle era quem alardeava ser, mas antes um espertalhão de truz, capaz de dar sérios aborrecimentos à Legação, resolvi contar o que se passava ao meu amigo *cavalière* Cadolino, habilíssimo chefe da denominada *Squadra mobile*, especialmente incumbida de vigiar os *vigaristas* internacionais, que aproem à *Urbs Divina*.

Ao *cavalière* cheirou-lhe a intrujão, e tratou de o observar...

Volvidos apenas dois dias chamou-me ao seu gabinete na *Questura central* e comunicou-me que o *Bragança* era de importação e *mercadoria* muito avariada. Um *imbruglione* internacional.

Dirigi-me ao telégrafo e mandei ao adido da Legação, meu amigo, um telegrama redigido na nossa língua e nestes convincentes termos:

"*Passaro bisnau engavetado* stop *Assobie botas lindas malas* stop *Cuidado futuras chásadas consulares*.,,

O telegrama foi transmitido *ipsis verbis*, e o adido percebeu-o...

Não se calcula o que sucedeu em Génova! O Jaime de Seguier ficou comprometidíssimo com a *gafe* que praticara, obsequiando na sua própria casa um tal cavalheiro de indústria, apresentando-o às pessoas das suas relações e ao Corpo consular, para mais... segredando-lhes quem êle imaginou que era; e o adido encavacou com a sua inexperiência, deixando-se burlar até ao ponto de perder duas lindas malas de mão, muito elegantes e viajadas. Mas não havia que fazer senão agüentar... e calar.

Averiguou-se, então, que o nobre *Marquês de Famalicão* comprára, e não pagára, numa das lojas mais *chics* da *via dei Condotti*, objectos na importância de quási 7.000 liras, entre êsses objectos uma artística bengala, que mandou fôsse expedida para Londres... "ao Manuel,,.

No *Hotel Excelsior*, como a conta subisse a mais de 10.000 liras, o director do hotel principiou a achá-la exagerada, apercebendo-se de que os ilustres fidalgos carecessem, pelo menos, de categoria monetária...

O *Marquês de Famalicão*, ao ser interrogado na Polícia, sôbre a sua conduta e nobre ascendência, exibiu com petulante arrogância um passaporte levianamente passado pelo nosso cônsul em Túi ao sr. José Carlos de Bragança, natural do Porto.

Sua Alteza limitou-se, com admirável pose, a confessar na Polícia que contraíra dívidas, mas que as liquidaria logo que lhe expedissem fundos, o que não tardaria; o conde de Vila-Flôr, declarando chamar-se Mário da Conceição Malheiro, também natural do Porto, desatou a chorar, perdendo completamente a linha e o sangue azul, que imprudentemente, talvez por sugestão do Bragança de contrabando, inoculára nas veias...

O Marquês de Famalicão ainda se classificou de *emigrado político*, explicando que, por ser membro natural da família real destronada, não lhe era permitido permanecer em Portugal. Após a revolução de 5 de Outubro embarcára para a América do Norte, acabando por fixar residência na Columbia, onde era grande proprietário de florestas virgens e de minas de petrólio.

— O que veio *Sua Alteza* fazer a Roma?

— Conferenciar com Sua Santidade e... divertir-me com *le belle donnine*...

Na verdade, nos lugares mundanos da *Urbs Divina*, em poucos dias, *Sua Alteza* causou sucesso. A Polícia, porém, continuando a colher elementos para a biografia e a estudar as suas aventuras durante o seu demorado *soggiorno* na Itália, não lhe respeitou os pergaminhos... e lançou-lhe a luva.

Deram entrada na cadeia os dois figurões e, decorridos alguns meses, fôram julgados nos tribunais romanos, que os condenaram a ser expulsos do território italiano. E não lhes sucedeu pior, porque o *conde de Vila Flôr*, sendo português autêntico, foi protegido pela nossa auctoridade consular, valendo-lhe ainda — notem os leitores — uma célebre *Liga Republicana*, que à época existia no Pôrto e que muito o recomendou ao dr. Eusébio Leão.

A Polícia chegou a apurar, por exemplo, que o *conde de Vila Flôr*, encomendára para Portugal a um conhecido negociante de Lisboa, por carta escrita em 30-4-1924 e respondida em 10-5-1924:

"Uma chapa de cobre para imprimir cartões em alto relêvo, com o nome Mário C. de Malheiro — Conde de Vila Flôr, trabalhos artísticos — preço esc. 85.

Uma chapa de cobre para imprimir cartões em alto relêvo, com Mário C. de Malheiro, em cima uma corôa de conde — preço esc. 90.

Uma chapa de cobre para imprimir papel de carta e envelopes em alto relêvo — preço esc. 80.

Um sinête em metal conforme o seu modêlo — preço esc. 50,,.

Em conclusão, o *conde de Vila Flôr* procurava *incarnar-se*... a sério.

E mais a Polícia averiguou que o Marquês de Famalicão estivera anteriormente no Porto, onde, adoptando o nome de Charles Drosner, cidadão americano, praticou várias burlas.

Na Cidade Invicta teve artes de burlar a firma bancária Cupertino de Miranda, apresentando a desconto um cheque falso sôbre um banco da Califórnia, cheque que conseguiu fôsse abonado pela firma Marques Araujo, Limitada. Descoberta a fraude, foi preso à saída do Grande Hotel do Pôrto, quando acabava de almoçar com o cônsul americano na capital do Norte, a quem conseguira convencer

Dr. Emídio Garcia

O infante D. Afonso

da sua suposta identidade. Depois... foi posto em liberdade!

Esta de aparecer em Roma um Bragança, intitulando-se filho natural do rei D. Carlos I, irmão e sobrinho bastardo, respectivamente, do rei D. Manuel II e do Infante D. Afonso, merece registo, não é verdade?

Soube, volvidos mêses, que o *cavalheiro* nascera, se criara e mal educara numa das Repúblicas Centrais da América e que na Austria, para onde o expedira o *cavalière* Cadolino, êle e o enluvado secretário malharam com os ossos na cadeia sob a acusação de haverem praticado várias proezas que o Código Penal prevê e castiga.

Andara à rédea solta, por êsse mundo fóra, armado em príncipe bragantino, embora bastardo, fazendo crêr que ainda poderia vir a ser útil à dinastia na falta de descendentes legítimos. Lá o facto de ser filho natural, isso pouco poderia influir, visto ter havido sempre bastardos que chegaram ás mais altas posições. O Mestre de Aviz, por exemplo...

Parafrasiando o epigrama mardeliano atirado a um outro intrujão que se dizia filho dum marquês (mas de mãe lavadeira), ainda escrevi no verso do cartão de visita do nosso "Marquês de Famalicão,,:

Do papá que fôra rei
Tem o retrato na sala;
Mas da... mãe que o deu à luz
Não tem retrato, nem fala...

Afinal, o pobre "marquês,, lá ficou pelas Austrias a congeminar parecenças com qualquer dos Habsburgos, não sendo para admirar que, mais dia, menos dia, se declare filho do imperador Francisco José e, como tal, dispute o trono ao filho da imperatriz Zita.

Recordo-me ainda do tremendo fiasco que os monarquistas portugueses sofreram em Roma.

Contaram em Nápoles ao infante D. Afonso a extraordinaria e escandalosa aventura do falso Bragança, que se queria impingir como seu sobrinho. Sorrindo-se, comentou: — "O mano Carlos não era como o papá Luiz!,,

E não era — rezam as crónicas...

Emídio Garcia.

FIGURAS E FACTOS

Uma recepção na Legação da Polónia

O representante diplomático da Polónia junto do Govêrno português, ministro Thadie de Romer, recebeu no dia 10 nos salões da legação, no magnífico palácio do conde de Santiago, ao alto de Santa Catarina, os representantes da Imprensa portuguesa.

O objectivo dessa recepção foi obsequiar os jornalistas de Lisboa e recordar os laços estreitos que nos unem à distante e próspera Polónia. Nem outra era a intenção do representante do Govêrno de Varsóvia, diplomata distinto que em Paris e Roma deixou traço fulgurante da sua passagem.

Assistiram representantes de todos os jornais de Lisboa e das delegações dos diários do Pôrto, que se retiraram muito penhorados com a cortesia de recepção.

A trasladação dos restos mortais do general O'Brien para a Argentina

Com grande solenidade realizou-se no dia 7 do corrente a cerimónia da transladação dos restos mortais do famoso general D. Juan O'Brien — pioneiro da independência da Argentina, do Chile e do Perú — para bordo da fragata argentina «Presidente Sarmiento» que os conduz a Buenos Aires.

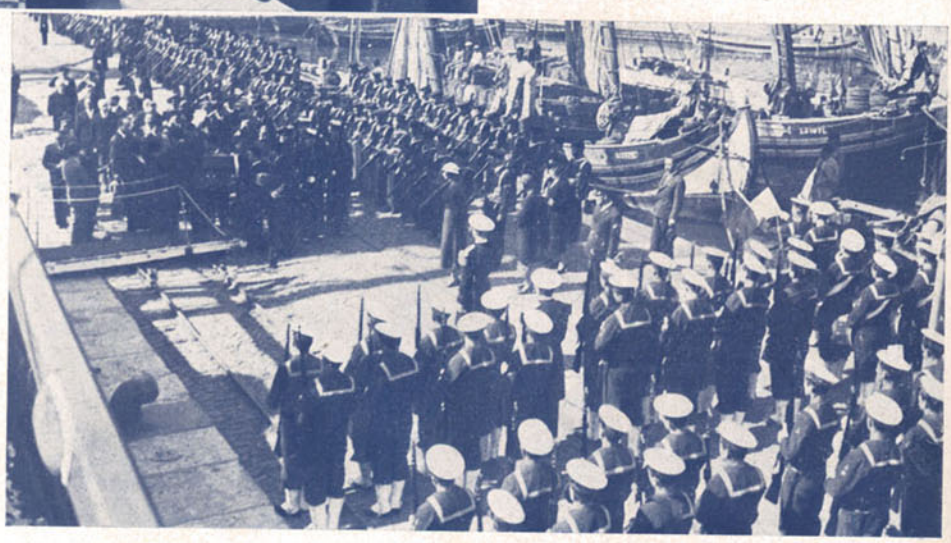
A urna, que há já dias se encontrava na capela do cemitério dos Prazeres coberta com a bandeira argentina foi transportada para a igreja do Corpo Santo onde se celebrou uma cerimónia religiosa. Ali organizou-se um cortejo fúnebre indo o armão ladeado por quatro praças da G. N. R. a cavalo e quatro aspirantes de marinha argentinos.

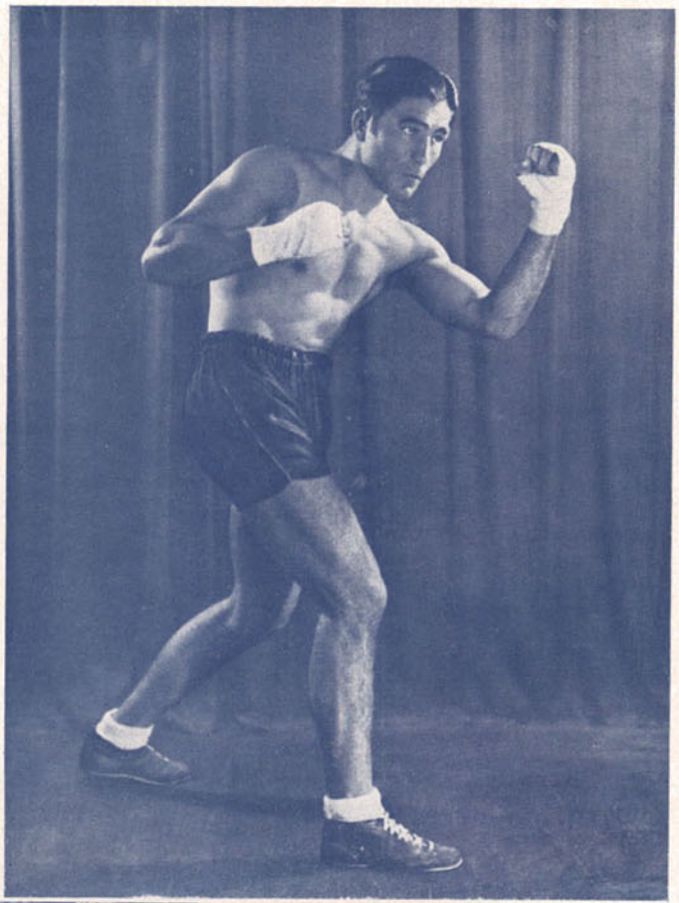
O préstito dirigiu se para o Cais da Alfândega onde o «Presidente Sarmiento» estava atracado. A bordo, o encarregado dos Negócios da Argentina proferiu um sentido discurso, fazendo entrega da urna ao comandante do navio. Êste respondeu agradecendo o honroso encargo e exprimindo a sua satisfação por poder restituir à sua Pátria os restos mortais de quem tanto se sacrificou por ela. Terminou por manifestar o seu reconhecimento às autoridades portnguesas por tôdas as facilidades concedidas para a transladação.

Terminada a cerimónia, o comandante, acompanhado pela oficialidade e pelo major sr. Pinheiro Correia, foi à Avenida da Liberdade depôr uma coroa de flores no monumento aos Mortos da Grande Guerra.

O «Presidente Sarmiento» levantou ferro no mesmo dia, às 16 horas.

As nossas gravuras representam; em cima, a urna a bordo do navio escola argentino; em baixo, a chegada ao Cais de Alcântara.





António Rodrigues

Até há pouco tempo, o público português desconhecia inteiramente que um pugilista nosso compatriota conquistava no estrangeiro os mais justos e brilhantes exitos. Chamava-se êle António Rodrigues e a sua estreia constituiu entre nós uma verdadeira revelação.

Rodrigues é um pugilista de classe internacional. Com uma bela esquiva, rápido, «punch» forte e admirável jôgo de pernas, é o que se chama um autêntico «esgrimista de punhos» e o seu estilo dá-lhe lugar único entre os pugilistas portugueses de todos os tempos.

Os seus jogos entre nós provaram à evidência a sua elevada categoria. Disputou o primeiro combate ao espanhol Cañoto que venceu, fulminantemente, por K. O. ao nono «round». Bateu-se depois com Marcel Lauriot, campeão da França e venceu aos pontos. A seguir defrontou-se com o belga Steyaert que também foi por êle dominado. Num dos mais sensacionais desafios registados em Portugal lutou com Inácio Ara, um dos melhores «boxeurs» da Europa, e após uma exibição brilhante, fez com êle jôgo nulo. Venceu ainda o italiano Merlo Preciso e por último defrontou-se novamente em Espanha com Inácio Ara em que um involuntário golpe baixo lhe valeu a desclassificação.

Novo, cheio de vigor e combatividade, é hoje na Europa um dos pugilistas do mais prometedor futuro.

Que é a beleza?

SER bela tem sido sempre o maior empenho da mulher, desde Eva, tenho a certeza disso. As mulheres a quem a beleza é indiferente são poucas e são na verdade uma excepção. A indiferença pela formosura se é uma qualidade, não é uma qualidade feminina.

Ser feia foi sempre para a mulher um desgôsto muito maior do que ser estúpida. Verdade é que a estupidez quando é completa, faz com que a pessoa não sinta que o é.

Mas ser bela é uma coisa muito difícil, quando se quer ser em absoluto. A beleza é uma coisa subjectiva e o que uns admiram, é intolerável a outros.

Mas não é só da opinião pessoal de cada pessoa, que a beleza depende, é também e muito, da psicologia da humanidade, segundo cada época.

O que é considerado beleza numa época é feio um século depois. O que se admirou no século XVIII é hoje uma banalidade. Há épocas em que triunfaram mulheres fortes e gordas, que hoje seriam consideradas uns monstros. Outras épocas em que, como agora, a elegância e a beleza eram como são hoje, o triunfo da mulher magra.

A beleza nunca se pode impor a todos, mas é a felicidade suprema de muitas mulheres, que a êsse culto sacrificam, deveres, afectos, sentimento, tudo.

Hoje, como na Grécia antiga, há mulheres que vivem apenas para ser belas. O tratamento do seu corpo de que fazem o ídolo da sua vida, ocupa-as desde pela manhã até à noite.

O pedicuro que lhes trata os mimosos pèsinhos, que lhes corta as unhas, que as pinta duma côr de lacre vivo, ou dum tom de ágata clara, toma-lhes bem uma hora, em seguida a massagista que vem manter o corpo na sua linha impecável, outra hora, o banho com os sáis para emmagrecer e em seguida o duche aos seios, êsse tratamento, que a mulher que se quer conservar sempre jóvem, não dispensa, leva bem hora e meia com fricções e tudo.

Depois arranjar a cara, a massagem com o creme, as loções, o cabelo em ordem e há apenas o tempo para acabar de vestir e fazer o "footing". uma hora a pé antes de almoçar. O almôço, um pequeno descanço e às três horas sessão marcada no cabeleireiro.

Se é dia de colorir o cabelo na côr da moda, passam-se bem três horas, que para não serem de todo perdidas, se aproveitam a tratar as mãos. Massagens para lhes dar a forma distinta, tratamento das unhas, pintura e depois é a hora do chá, uma ou duas visitas e aproxima-se o jantar em que a mulher que quer brilhar quási não toca para não congestionar e alterarar com a digestão a beleza da cutis.

E chega a noite, a hora do seu triunfo no baile ou no teatro. E quando tôdas a rodeiam, ou vê todos os binóculos voltados para o seu camarote, a mulher bela sente-se paga de todos os seus sacrifícios.

E no dia seguinte não descança. Em vez da sessão no cabeleireiro tem o instituto de beleza, a limpeza da cutis "Nettoyage de peau" e ai fica horas recebendo o bafo quente duma máquina, horas com uma máscara de gesso na cara; depois vem a massagem manual, o vibrador eléctrico, a depilação das sobrancelhas, o frizar das pestanas e de novo a complicação da "maquillage" fazendo um novo colorido de pele, que a torne diferente das outras mulheres e lá se passou outro dia, sem que a mulher tivesse tido tempo de pensar que existia outra coisa no mundo que não fôsse o seu corpo. E de seis em seis meses a permanente, que toma um dia inteiro, sem evitar que se freqüente continuamente o cabeleireiro para fazer a "mise-en-plis".

■

E a mulher que assim vive não tem tempo para amar, para ter casa, para se ocupar das mil coisas que tornam a vida interessante, que nos fazem vibrar, e, enfim viver.

Uma emoção, um gesto mais vivo não o tem porque desmancharia os caracóis, ou perderia o estilo da sua beleza.

E depois dos cuidados físicos resta-lhe ainda outro martírio, vestir êsse corpo que tanto trabalho lhe dá.

As sessões na modista, no sapateiro, na espartilheira, na casa de chapéus e a mulher não tem tempo de pensar que tem alma, que tem coração e muitas vezes que tem família e gasta a sua vida e verdadeiras fortunas com êsse único fim: ser bela.

■

Actualmente a beleza não exige correcção de feições. Muitas vezes é a expressão que a dá, mas é isso que em geral falta à mulher boneca que passa a vida a tratar-se.

Uma boca grande, um nariz irregular, uns olhos pequenos, mas tudo animado de vida interior e eis o que hoje se considera a verdadeira beleza.

Greta Garbo a mulher que mais intensamente tem apaixonado as plateias dos cinemas, que mais admiradores tem, não é classicamente uma mulher bela, nem mesmo bonita. As suas feições são irregulares, a sua face é angulosa, os seus cabelos não são talvez belos, mas a sua intensa expressão, a mobilidade do seu rosto tornam essa mulher extremamente sedutora.

Há na sua expressão, qualquer coisa de belo. O seu corpo extremamente magro, os seus braços muito compridos, não são o que o classicismo premiava como beleza, e no entanto há elegância nesse conjunto estranho, nessa figura de mulher.

■

Apesar de todos os tratados de beleza, de todos os institutos, de todos os tratamentos, nós temos que chegar a uma conclusão que é talvez desconsoladora: a beleza não se faz, nasce com a pessoa e não vem nem da perfeição física do corpo, nem da correcção das feições.

A beleza é um conjunto de coisas, que é um mistério, que se não pode explicar e reside muitas vezes numa maneira de olhar, num sorriso, numa expressão de tristeza. Mas nem sempre nela a maior influência a luz interior, que anima o barro. Quem sabe se em vez de perder tanto tempo, com o corpo certas mulheres se ocupassem com a alma, com o espírito, se dessem à inteligência os cuidados que lhe merecem os cabelos, os olhos, a pele e o corpo, não seriam talvez mais belas?

É natural que a mulher, se cuide, se trate e faça tudo para se apresentar o melhor possível, mas não tornar o corpo num ídolo, e, viver apenas, para o embelezar e o enfeitar. A vida tem muitos outros interesses, que são superiores a êsse.

A mulher que proclama a independência é a escrava da sua formosura, e, quando pergunto "Que é a beleza?" Encontro só esta resposta: "para algumas mulheres o martírio de tôda a existência a pequenos prazeres de vaidade satisfeita.

Maria de Eça.

ERROS D'HISTÓRIA

A Messalina tal como foi

Nem modêlo de virtudes nem monstro de preversão

O nome de Messalina continúa a ser na História do Mundo uma espécie de ânfora maléfica contendo todos os defeitos, todos os vícios, todas as perversidades que uma mulher pode armazenar.

E, no entanto, nada mais exagerado. A mulher do imperador Cláudio, se não foi um modêlo de virtudes, não mereceu a triste fama de vil, sanguinária, lúbrica e viciosa que lhe atribuíram. Os historiadores deixaram-se conduzir pela malevolência e pela inveja de que foram vítimas todos os membros da família de Augusto. Muitas das infâmias atribuídas a Valeria Messalina não passaram de calúnias urdidas insidiosamente por invejosos temíveis e sopradas com tanta eloqüência que Tacito e Suetonio não tiveram a menor dúvida em repeti-las, passando assim à posteridade.

As crueis sátiras de Juvenal foram inspiradas pelo despeito do poeta que, não conseguindo vêr realizadas as suas aspirações fantasiosas, não hesitou em salpicar do lôdo da calúnia todas as personagens que supunha responsaveis das suas amarguras.

Muitos séculos depois, nesta linda Pátria Portuguesa, o grande poeta Gomes Leal abria o seu famoso panfleto *A Traição — carta a el-rei D. Luiz sôbre a venda de Lourenço Marques* — com êstes versos chamejantes:

Senhor: se acaso um rude e enérgico plebeu
póde ser um juiz, e um rei tornar-se reu,
se acaso o assassinado, à noite numa esquina,
pode gritar — Traição! — contra quem o assassina,
se acaso um rude velho excomungou Paris,
e Juvenal cuspiu na ruiva meretriz,
e a Historia tôda escarra em Judas, o traidor,
eu serei o juiz — e vós o reu, Senhor!

Repare-se que o excelso poeta do *Anti-Cristo*, ao citar as cuspidelas de Juvenal na mulher de Cláudio, tratava esta como ruiva meretriz para ferir a virtuosa D. Maria Pia que tinha os cabelos ruivos! Na edição definitiva que fez em *O fim de um mundo*, Gomes Leal arrependeu-se da infâmia e, em vez de *ruiva*, chamou-lhe *imperial*.

Messalina como a Historia a vê

Por aqui se verifica como se conspurca a honra duma mulher, quer ela seja rainha ou simples criada de servir!

O mais interessante é que o nosso poeta, tendo emendado a mão no que dizia respeito a uma senhora digna de tôda a nossa consideração pelas suas virtudes imaculadas, para não falarmos da gratidão devida pelos inúmeros benefícios que espalhou entre os sem-amparo, continuou a insultar a matrona romana sem o mais leve remorso. Como não fôra do seu conhecimento, seguiria as pisadas do seu colega Juvenal, e êste que se arranjasse como pudesse. Não se lembrou que, daqui a mil e tantos anos, um outro poeta poderia vir a glosar a sua calúnia com a mesma sem-cerimonia que êle usara para com o verrinoso satírico romano. Messalina não foi aquele monstro que para aí se apresenta com o ferrete do *sed non saciata*.

Cláudio (Museu do Louvre)

Era uma mulher formosa, caprichosa, alegre, poderosa, irrequieta, ávida de luxo, prazeres e dinheiro. Para satisfazer os seus caprichos não tinha escrúpulo em abusar da debilidade do marido. A sua acção caprichosa desenvolveu-se por falta de energia do imperador seu esposo.

Messalina foi imperatriz por mera casualidade e não possuia a suficiente inteligência para compreender que, se fizera sempre a sua vontade enquanto o seu marido era um obscuro membro da família imperial, deveria ser prudente e modificar os seus ímpetos após a elevação de Cláudio a chefe do Estado. O mais fútil capricho que dá, por vezes, uma certa graça a uma dama inteligente, transforma-se num defeito horroroso quando praticado por uma rainha.

Foi êste o grande êrro de Messalina. Elevada à categoria de imperatriz, aproveitou-se mais do que nunca da fraqueza de seu marido, levantando graves discórdias no seio da família imperial. Messalina ocupava-se, acima de tudo, em adquirir riquezas que dissipava em luxo espaventoso. Vendia a sua influência, traficava com os arrematantes das Obras Publicas, e intervinha nos assuntos do Estado que lhe pudessem render dinheiro. Em vez de amealhar, como à primeira vista poderia supôr-se, gastava tudo em ostentações, violando as leis sumptuarias com grande desgôsto do povo romano. E Cláudio ia aceitando tudo isto sem o mais leve protesto. Para a classe média romana, o imperador era uma pessoa quási sagrada. Todos viam com mágua que Cláudio compartilhasse o trono com uma mulher tão leviana, e, embora achassem ridículo que um homem que governava um império não fôsse capaz de governar uma mulher, ninguém se atrevia a censurá-lo, cara a cara.

Agravou-se a situação com o descontentamento dos libertos que, dia a dia, viam aumentar o seu poder. O que Messalina fazia, o que dela se inventava e exagerava, fizeram com que o povo a julgasse muito piór do que de facto era. A indignação popular foi tal que tornou Cláudio responsável da conduta de sua mulher. A vida do imperador esteve em grave risco.

Os historiadores Suetonio e Tácito dizem que Messalina, loucamente enamorada de Silio, se casou com êle, celebrando bodas ruïdosas em Roma, quando o imperador se encontrava em Ostia.

A não se tratar dum caso de loucura, como se explica que a imperatriz casasse com um indivíduo que lhe agradara, aproveitando a ausência do seu verdadeiro marido. Como teria recebido o povo uma tal acção? Este episódio teria continuado a ser um enigma, se o mesmo Suetonio não tivesse dado a solução por mera casualidade: *Nam illud omnen fidem excesserit quod nuptiis, quas Messalina cum adultero Silio fecerat, tabellas dotis et ipse consignerarit*, isto é, que o próprio Cláudio destinou um dote a Messalina quando esta casou com o adúltero Silio. Logo, o imperador tinha conhecimento das bodas.

Sabemos que entre a aristocracia romana era admitido que o marido entregasse sua mulher a outro homem, marcando-lhe um dote. Assim, Livia foi entregue a Augusto por espôsa pelo seu primeiro marido, o avô de Cláudio. Verifica-se que tendo-se convencido o imperador de que devia divorciar-se de Messalina, assim procedeu, ao abrigo das leis do seu tempo. Pelo menos, é o que se depreende da passagem de Suetonio.

Ora, os libertos Narciso e Palos fizeram ver a Cláudio o perigo que Messalina e Silio representavam para o império, e, assim, Cláudio decretou a morte da que havia sido sua mulher e de todos os que conspiravam contra êle.

Um festim no tempo de Claudio

Um tribuno executou a sentença, cravando um punhal na garganta da pobre Messalina. Foi êste o trágico fim dessa mulher que estava tão longe de ser um modêlo de virtudes como um monstro de maldade.

Roma, que sempre considerava os actos dos seus imperadores como inspiração da Divindade, tinha forçosamente de aplaudir o assassínio de Messalina, e para o aplaudir havia de começar por justificá-lo, acumulando sôbre a memória da vítima quantas acusações pudesse formular-se contra uma mulher e muito mais fàcilmente em face duma conduta que tão fértil campo havia dado à calúnia.

Mas, vistas as coisas com absoluta imparcialidade e critério, tendo em conta os costumes da época e o modo de ser das personagens que intervieram nesta tragédia, não podemos considerar a morte de Messalina como um acto de justiça, mas sim como um verdadeiro crime. Podemos mesmo dizer que foi o crime dum marido débil que pretende aparecer energico quando já não vale a pena, e que, depois de ter sido joguete nas mãos duma mulher, compreende que não era a êle que esta mulher amava.

Messalina, impelida pelo interêsse da família, foi forçada a aceitar por marido um individuo que até lhe infundia repugnância. Não ambicionava ser imperatriz dos romanos, visto que seu marido, por ocasião do casamento, não sonhava sequer em cingir a corôa olímpica dos césares.

Casou-se Messalina, recalcando no seu coração os seus mais gratos afectos. Em seu entender, havia sido imolada em holocausto ao vil interêsse dos seus. O pai não lhe preparara um tálamo de ventura: fizera um negócio. Não seria, portanto, descabido que fizesse reverter uma parte do lucro em seu proveito.

Messalina (Museu do Louvre)

Assim se explica o luxo faustoso, e, conseqüentemente a sua voracidade por dinheiro. Precisava de dispôr de muito oiro para manter as suas dissipações, e daí as mil e uma engenhosas maneiras de o conseguir.

Quando o povo começou a uivar contra ela, não o fez por uma explosão natural de rebeldia justificada. O povo de Roma, desde que tivesse *pão e circo*, aceitava tôdas as ignomínias. Deixava-se arrastar pela malevolência dos descontentes que faziam tôdas as pressões junto do espírito fraco do imperador. A sanha dos inimigos de Messalina não parou aqui. A intriga foi alastrando a tal ponto que, em dado momento, a pobre mulher foi apunhalada barbaramente por dois sicários.

Em boa verdade, Messalina estava loucamente enamorada de Sílio. Ora, uma vez divorciada do imperador, era livre para contraír o novo matrimónio que ela julgara conveniente para poder continuar a seguir no grande mundo de Roma o papel que constituia a sua vida inteira.

Á História compete, portanto, rectificar a má fama levantada a esta mulher.

QUANTO CUSTA UM BEIJO

O beijo, dado de alma e coração, nunca pode ser uma mercadoria. E, em tôda a gama dêste gesto gracioso, quantos beijos se encontram, desde o ósculo que a mãi dá no seu filhinho quando chega a esta vida, até ao beijo final, dado num ente amado que de nós se afasta para sempre, levado pela morte.

Há o beijo indiferente das amigas, que em vão buscam dar-lhe qualquer significação. Há o beijo de simples cortesia dado pelo cavalheiro na mão da dama que admira e talvez já requesta, esta a mais elegante tabuleta de uma época de romantismo e de gentileza que o tempo vai apagando descaroàvelmente.

De todos os beijos, cujas causas seria fastidioso enumerar, o que mais fortemente marca na nossa recordação é o primeiro beijo de amor.

E, assim, tem razões de sobra, a quadra espanhola, para ser lembrada:

Dos besos traigo en el alma
Que no se apartan de mi!
El ultimo de mi madre
Y el primero que te dí!

E é assim mesmo. O primeiro beijo e o último beijo, só isto conta na vida.

E a vida resume-se em nascer e morrer — princípio e fim de tôdas as coisas.

E, entretanto, no intervalo, quantos acontecimentos inesperados, quantas penas, quantas alegrias!

Mas nada valem quando nos lembramos de que tudo pode acabar.

Um primeiro beijo de amor perderia todo o encanto, se nos assaltasse, nesse momento o pressentimento do último, que seria o remate do nosso sonho.

Mas tudo isto são desvios que me afastam do objectivo desta crónica.

Os nossos pensamentos são um molho de cerejas: puxamos por um e logo outros vêm agarrados.

■

Os beijos não têm preço, não devem ter preço, e os que o têm nem vale a pena citá-los, a não ser quando o seu rendimento tem um fim caritativo. Bastas vezes, em quermesses, se têm rifado beijos de mulheres célebres pela sua beleza física ou espiritual. Mas não se pense que todos os beijos são fáceis de dar.

Apesar da opinião do grande lírico:

Beijo na face,
Pede-se e dá-se,
Dá?
Que custa um beijo?
Não tenho pejo,
Vá!

Apesar desta afirmação poética e outras ainda, nem sempre é fácil obter um beijo.

Porque nem tôda a gente gosta de beijar, sem ser impelida por um sentimento de ternura. E são estes os beijos que valem tanto, estes, que só se dão quando se quer bem de fundo de alma que não há nada que os pague, a não ser uma ternura igual.

Quási me ia outra vez afastando do meu propósito. Isto da gente ter coração...

■

Disse um realizador cinematográfico, num jornal lá de fora, que havia beijos na tela que custavam um dinheirão.

Não pela dificuldade em obte-los, está visto, que os actores do pano branco dão beijos com a maior das facilidades, entram nas obrigações do seu *métier*.

Pode ser que haja quem se queime nessa labareda fictícia acesa oficialmente e com muitos olhos a espreitá-la, mas isso é outra história que não vem agora ao caso.

A carestia do beijo cinematográfico resulta do ambiente que é preciso criar.

Torna-se necessário que os protagonistas dêsse beijo de amor se encontrem num meio que lhes sirva de moldura precisa.

Trata-se de impressionar o público, encantando-lhe os olhos com uma bela paisagem ou com uma estância rica em arte e conforto.

E assim, no dizer do mesmo realizador, mal sabe aquele que assiste regalado ao desenrolar de uma cêna de paixão quanto custou aquele beijo à algibeira do produtor.

■

Ás vezes, muitas vezes até, um beijo é dado graciosamente e custa penas e males sem conta a quem o deu ou a quem recebeu essa valiosa prova de apreço.

Quanto se sofre, antes e depois dêsse donativo supremo.

A ansiedade, primeiro, depois, quási sempre, a dor do abandono.

E não se pense, ninguém pensa decerto, que é só o beijo de amor entre dois entes que querem unir os seus destinos, que dá alegria e mágua, consoante o coração manda.

Estou-me lembrando agora de um pobre homem, um transviado fugido à justiça, a quem um beijo perdeu e atirou definitivamente para a cela fria de uma prisão.

Até então, até êsse momento, que foi para êle a ventura máxima da sua vida, conseguira sempre escapar aos que no cumprimento dum dever o perseguiam como elemento perigoso para a sociedade.

Um dia soube que a esposa dera à luz uma menina.

O seu coração palpitou loucamente, e veio-lhe uma vontade indomável de beijar o fruto do seu amor.

De longes terras pôs-se a caminho, por escuros desvios, e, ofegante, cansado, conseguiu chegar junto do berço da inocentinha, e o bandido pôs nos seus cabelos o beijo mais puro e mais carinhoso — o beijo de que êle não se julgou nunca capaz de sentir.

E nesse mesmo instante em que de sua alma se evolava o perfume santo do amor paternal, as autoridades do seu país, avisadas, prenderam-no.

Aquele beijo parece que o perdeu, mas salvou-o de si próprio, da sua maldade.

Foi como uma lufada de vento fresco que lhe varreu da consciência a areia ardente do mal.

Há trinta anos que êsse homem está separado da sociedade e a sua conduta na cadeia tem sido digna de elogios.

Aqui está um beijo que custou bem caro a quem o deu, mas que trouxe a mais bela recompensa: a volta de uma alma da treva para a luz.

Mercedes Blasco.

UMA ARTE MILENÁRIA

DE QUE OS ETÍOPES SÃO OS DEPOSITÁRIOS

A arte é na Abissínia uma flor rara, que poucas vezes se manifesta no viver indígena. Vai isto, em primeiro lugar, do caracter do povo, essencialmente guerreiro, e que só pelas suas armas se interessa. E também do seu feitio mais dinâmico do que contemplativo.

Apesar disso, existe uma pintura abexim. E os acontecimentos dramáticos que puseram a Abissínia na ordem do dia, facilitam a revelação dessa arte primitiva que bem meresse o interêsse de eruditos e amadores.

A pintura abexim não é de inspiração nacional. Qualquer pessoa medianamente versada em assuntos de arte reconhece nos dois modelos típicos que ilustram esta página uma influência nítida da arte bizantina.

Como se vê, as origens da arte etíope remontam muito atrás no tempo. Foi evidentemente por intermédio da Igreja egípcia e dos sacerdotes coptas que a Etiópia, em épocas muito afastadas, estabeleceu contacto com a arte bizantina. Mas essa arte, assimilada por um povo sem faculdades criadoras, deu em resultado que se conservou sem alteração através dos séculos. É êste um dos pontos por que se impõe à nossa atenção o trabalho dêstes pintores primitivos.

Os quadros abexins, que a Imprensa nos últimos tempos tem divulgado, oferecem, pois, como vemos, diversas características curiosas. Em primeiro lugar, não têm perspectiva. Tal como os seus antecessores de há dois mil anos, os pintores etíopes não conhecem essas leis, e não sabem, portanto, representar a paisagem. As suas telas são compostas de várias cenas dum único plano.

Os temas preferidos pelos artistas abexins são, em geral, as cerimónias em que figura grande número de dignatários. Mas também cultivam outros géneros, como o quadro de caça que aqui damos. Neste quadro, o artista, um etíope de nome Behailu, procurou representar todos os animais que existem em estado selvagem na Abissínia. A emprêsa custou-lhe muito trabalho e considerável esfôrço de memória para não se esquecer de nenhum dos animais do país. Conta o europeu por conta de quem o pintou, ter-lhe Behailu dito que vinha já a caminho de entregar a tela quando se lembrou do sapo, o que o obrigou a voltar para trás e aumentar êsse exemplar da fauna abexim ao quadro.

O outro quadro também merece uma descrição Trata-se dum julgamento num pátio do Palácio Imperial de Addis-Abeba. O Negus preside, ao alto, rodeado pelos seus íntimos. Nos planos inferiores estão os seus ministros e generais. Seguem-se os juizes que se conservam sentados. Finalmente, por baixo vêm-se os carrascos e os condenados que recebem o castigo do seu crime.

Estas duas telas são exemplos típicos da arte abexim, uma arte que se mantem inalterável há muitos séculos. É ensinada pelos religiosos de Gondar que isolados do Mundo, mantêm vivo entre si o espírito de Bizâncio, de cujos velhíssimos manuscritos são depositários. E assim se verifica o milagre duma arte milenária que subsiste no nosso tempo sem sofrer qualquer evolução.

UMA TRISTE EVOCAÇÃO

A esfusiante alegria de Júlio Cesar Machado

e a trágica avalanche de amargura que a sepultou

Passou o primeiro centenário do nascimento de Júlio Cesar Machado, o popular autor da "Vida Alegre„ que tão francamente soube rir, fazendo rir os outros, e terminou por afogar as suas gargalhadas num caudal de lágrimas amargas como o fel e corrosivas como o vitríolo.

Júlio Cesar Machado foi a verdadeira alegria personificada. Quem o encontrava no seu passeio, despreocupado, através da cidade, via-o sempre feliz, expansivo e todo ufano com o seu filho — o Julito — que o havia de fazer mergulhar no pântano da dor que desespera.

O pequeno era tudo para êle — tudo! Rodeou-o de tantos mimos que o perdeu. Pode mesmo dizer-se que a vida desregrada que o rapaz veio a seguir teve como alicerce a péssima educação recebida de seu pai.

Uma noite, no antigo Passeio Público, encontrando-se Júlio Cesar Machado, com o filho pela mão, a conversar com vários amigos, um dêstes chamou o petiz para junto de si. Isto bastou para que o bom do Júlio se alvoroçasse num mal contido ciúme, e dissesse, quási ofendido, que "um menino bem educado só pela mão de seu pai devia andar„. Tinha receio que o vento lho levasse!

Mas, para se avaliar o exagerado mimo que dispensava à criança, citaremos o testemunho de Alberto Pimentel:

"Um dia, num jantar em casa do sr. Baptista Podestá, o pequeno Júlio levantou-se da mesa, e foi engalfinhar-se nas costas dum amigo do pai que o recebeu amàvelmente. Dali a momentos, o pequeno correu a trepar pela cadeira doutro amigo de Júlio Cesar, que o repreendeu. Não tardou que o pai com lágrimas nos olhos saísse com o filho, depois de ter apertado a mão muito expressivamente ao amigo que tinha afagado o Julito, e interrompesse, desde essa hora, as relações com o outro amigo que o repreendera.„

Calcula-se que lindo menino deveria saír daquela corbelha de mimos ridículos e até prejudiciais.

Julito estava autorisado a quebrar o que entendesse, a arrancar fôlhas dos livros da biblioteca de seu pai, a entornar tinta sôbre os originais que deveriam seguir para a tipografia, e até a deitar fogo à casa, se tanto lhe desse na realíssima gana.

E se doía a barriga ao menino? O pobre Júlio já não sabia alinhavar o mais fútil folhetim para o seu jornal.

Certa ocasião, o petiz teve de recolher à cama por uma ligeira indisposição que nem de médico careceu. O pai correu logo para a sua cabeceira.

— O' papá — preguntou o fedelho — e se eu morresse?

— Se tu morresses... — titubeou o pai — se tu morresses... matava-me!

Isto, francamente, não era amor paternal, era loucura.

Entretanto, Júlio Cesar Machado vivia feliz, todo enlevado no filho, trabalhando para êle e preparando-lhe um futuro cheio de venturas e comodidades.

"Se os melancólicos — dizia êle na "Vida Alegre„ — se os atacados de *spleen*, tivessem podido passar uma hora por dia comigo, enquanto estive na lua de mel do folhetim, é possivel que ficassem curados para todo o sempre. Era uma cara de páscoa a minha! Quando mais tarde a vida me criou direitos a enfastiar-me de vez em quando, já estava eu próprio tão habituado ao aspecto pitoresco da minha alegria, que nunca mais, de todo, lhe perdi os geitos.„

Júlio Cesar Machado, Manuel Roussado e Ramalho Ortigão — caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro

Era feliz o Júlio! O seu lugar na literatura estava marcado definitivamente, acamaradando com os maiores do seu tempo. Na opinião de Gervásio Lobato, o escritor Júlio Cesar Machado "teve sempre um estilo seu, uma maneira de dizer especial que o distinguiu de todos os outros, uma individualidade própria — em suma, foi alguem„.

Teixeira de Vasconcelos, ao prefaciar o album de caricaturas "O calcanhar de Achilles„ com uma carta enviada ao autor, Rafael Bordalo Pinheiro, tem esta passagem àcêrca do feliz autor da "Vida Alegre„ e dos seus dois companheiros:

"Se estivesse perto de mim quando pela primeira vez lancei a vista à caricatura do padre mestre Roussado caminhando armado de perú e borracha entre o Ramalho Ortigão e o Júlio Machado, ouviria a mais sincera e estrepitosa gargalhada que tenho dado na minha vida. Três magníficas figuras de três homens notáveis, cujos talentos são de mui diversa espécie, mas cujos corações são todos de ouro e de igual quilate. Feliz caricatura! Sim, senhor. Muito feliz. Com que alvorôço a não receberá em Cadiz o nosso Roussado pouco depois de lhe terem chegado à mão as "Histórias côr de rosa„, perfumado ramilhete de Ramalho Ortigão, e os "Quadros do Campo e da Cidade„, novissimo e precioso livro de Júlio Cesar Machado!„

Em face de tão boa fortuna, correndo-lhe a vida tão docemente, era natural que o feliz Júlio encorajasse os amigos nas horas de desalento.

Certo dia, a grande actriz Ana Pereira, tendo-se recusado a representar um papel da peça "A Sexta Parte do Mundo„ que Francisco Palha teimava em fazer subir à cêna no Teatro da Trindade, verificou que não podia pagar a multa que o empresário, em face do contrato, lhe impunha. Voluntariosa como era, a insigne artista decidiu pôr termo à existência. Quando a triste notícia correu pela cidade, foi Júlio Cesar Machado um dos primeiros amigos a chegar a casa da tresloucada. Esta, arquejante, ainda pôde ouvir o que o escritor lhe dizia em ar de reprimenda:

— O' Ana! pois tu fazes uma coisa dessas?! Tentar contra a vida? A vida não nos pertence, querida amiga. Foi-nos concedida por Deus — só Deus a pode tirar...

Ana Pereira lá foi para o hospital onde permaneceu muitos meses. Quando saíu, restabelecida, Júlio Cesar Machado voltou à carga com a sua reprimenda:

— Vê lá o que vais fazer agora, mulher... Com o teu talento, com a tua celebridade, que é que te falta? Mesmo que fôsses infeliz, deverias resistir. Lembra-te daqueles versos do nosso Camilo:

A máxima coragem na tortura
É sorrir, é sorrir, fingir ventura,
E ser maior que a Dor, calcá-la aos pés!

que tantas vezes tens recitado. Vê lá o que fazes agora, mulher!

E Júlio Cesar Machado, após ter cumprido o seu dever de bom amigo e conselheiro, despediu-se da insigne actriz que lhe agradeceu nestes termos:

— Obrigada, Júlio, pelo teu confôrto. Ês um bom amigo de cuja sinceridade nunca duvidei. Ah! mas estas coisas só quem passa por elas é que as sabe avaliar. Quem é que raciocina a frio com o cérebro escaldado pelo desespêro? Deus te poupe, meu caro Júlio, momentos de amargura como aqueles que passei!

Tempos depois, o filho de Júlio Cesar Machado meteu-se num trem, e foi dar um passeio pelos arrabaldes de Lisboa. Em dado momento, o cocheiro ouviu uma detonação, e fez parar os cavalos. O rapaz tinha pôsto termo à vida. O que o levou a isso? Nunca se soube ao certo.

Pobre pai! Após aquela tragédia que lhe enlutara a alma, depôs a sua festejada pena de escritor, entranhou-se na dor que o dilacerava, perdeu o sôno e o raciocínio. Fugia da gente, e até dos seus mais íntimos amigos. Tornou-se misantropo, taciturno, preocupado umas vezes, abstracto outras. Vários amigos lhe ouviram murmurar muitas vezes estas palavras que faziam parte da sua oração de tôdas as horas, rematando sempre com um estribilho fatídico:

— Meu pobre filho! quando estavas doentinho costumavas preguntar-me: "e se eu morresse?„ e eu sempre te respondi: "se tu morresses, matava-me!„

Júlio Cesar Machado e seu filho

A grande actriz Ana Pereira

Foi a própria Ana Pereira — gloriosa velhinha que ainda tivemos a ventura de conhecer e amar — que nos relatou estes factos.

— Deus me perdoi! — dizia ela — mas até parece que as minhas palavras, transformadas em praga, tinham contribuído para a desgraça do meu querido amigo! Eu tinha-lhe dito: "Deus te poupe, meu caro Júlio, momentos de amargura como aqueles que passei!„ Não lho disse por mal — juro-o! — nem sequer com ironia. No entanto, poderia supôr-se que no meu pensamento fervilhava o desejo de vêr o Júlio vergastado pelas adversidades que me tinham afligido. A minha frase singela chegou a ser assim interpretada por várias pessoas que nunca me perdoaram alguma sorte que consegui obter do público: "Oxalá que te vejas tão aflito como eu me vi, e então verás o que te resta fazer!„

E Ana Pereira rematava:

"Nunca fui vingativa. E mesmo que o fôsse não tinha a menor razão para o ser junto dum amigo como Júlio Cesar Machado que foi sempre a bondade em pessoa. Ha quantos anos isto foi! Todavia conservo na minha alma uma tão viva saudade como no próprio dia da tragédia. É que amigos como aquêle, aparecem uma vez em cada século!„

Não precisava a excelsa artista de justificar a sua frase. Júlio Cesar Machado tinha de acabar assim porque para isso contribuiu com todas as veras da sua alma piégas, ingénua e visionária. Envolvera o filho em algodão em rama, por não compreender que as grandes massagens é que enrijam os músculos e dão tenacidade para a luta da vida!

Assim se compreende que, decorridos dois mêses sobre o triste fim do filho, o pobre Júlio Cesar Machado fôsse conduzido ao cemitério do Alto de S. João. O visionário vislumbrava finalmente o oásis que idealisára no deserto adusto da existência.

Tinha cumprido a promessa feita ao filho. A mãe, em perigo de vida, seguiu para o hospital onde passou 94 dias.

E assim se desmoronou aquela felicidade!

Pobre Júlio! morreu abrasado na própria fogueira que o seu amor paternal, tão terno como leviano, acendera para acalentar o filho idolatrado!

Gomes Monteiro.

Santa Isabel de Hungria

O PERFUME DAS LENDAS

As rosas da Rainha Santa

tiveram sempre o seu jardim em Portugal

COIMBRA prepara-se para festejar, com grande solenidade, a sua Rainha Santa que, mais do que um trôno, conseguiu conquistar um altar no coração de cada filho da velha cidade universitária.

Bem o mereceu, não só dos conimbricenses, mas de todos os portugueses que jámais poderão esquècer o seu gesto abnegado de verdadeira santa ao colocar-se entre os exércitos do marido e do filho que dentro em pouco deveriam dilacerar-se numa pavorosa guerra civil, e realizar o prodígio da pacificação.

E, embora a lenda lhe atribúa o milagre do oiro transformado em rosas para iludir a avareza do marido, Santa Isabel elevava-se mais ao céu donde viera, quando descia, no dôrso da sua mulinha branca, ao campo de Alvalade, guiada pelo som rouco e sinistro dos anafis que pressagiavam a mais espantosa das carnificinas.

E era vê-la, atravessando serenamente aquela cêna tumultuosa, por entre os cavaleiros de ambos os partidos, que se arredavam respeitosamente à sua passagem, até chegar junto do filho rebelde.

— Filho — dissera-lhe a santa — porque usas assim com teu pai e teu rei? Vens de novo assolar com os horrores da guerra um país sôbre o qual has-de reinar? Tão depressa esqueceste as promessas feitas com juramento perante Deus, e das quais fiquei por fiadora? Queres ser um perjuro? tu, o futuro rei de Portugal?

Estas palavras, segundo dizem os cronistas, produziram profunda impressão no espírito de D. Afonso que foi logo pedir perdão a seu pai. No entanto, não estava completamente arrependido. A ideia de que o seu irmão bastardo Afonso Sanches lhe usurparia a corôa espicaçava-o cada vez mais. Tempos depois, como encontrasse o rei acompanhado pelo outro filho, em ameno passeio pelo Vale de Santarém, voltou a irritar-se, suspeitando que houvesse segundo sentido naquela afabilidade paternal. Foi necessario exilar o bastardo para acalmar os ímpetos do infante.

Santa Isabel, após a morte do marido, recolheu ao convento de Santa Clara, em Coimbra, que era fundação sua, e ali passou o resto da sua vida em exercícios de piedade, sem deixar contudo de seguir com olhar vigilante o rasto do filho na estrada espinhosa do govêrno. A breve trecho rebentaram discordias entre Afonso IV de Portugal e o seu sobrinho Afonso XI de Castela. Logo que o soube, Santa Isabel tomou o seu bordão de peregrina — o mesmo que levara a Compostela — e dirigiu-se a Extremoz onde o filho acampava, e, mais uma vez, o chamou à boa razão. Mas as fadigas da viagem e os ardores do estio actuaram tão fatalmente sôbre a sua organização débil e avelhentada que a Rainha Santa sucumbiu dias depois.

Rainha Santa Isabel de Portugal

Devemos ter em conta que a intervenção benéfica de Santa Isabel em tôdas as contendas desenroladas no seu tempo, a resignação com que sofreu os desvarios conjugais de seu esposo, e algumas vezes tambem as suas injustiças, a sua piedade dôce e modesta, a caridade que exerceu na mais larga escala, tudo isto fez com que o povo a amasse durante a vida, e lhe circundasse a fronte com a auréola de santa depois de morta.

Seria necessária a lenda das rosas?

Houve já quem atribuísse êste milagre a uma outra rainha Santa Isabel que, meio século antes, espalhara a caridade nas terras da Hungria. Não sabemos em que fundamentos se apoiam os que pretendem demolir uma das mais belas lendas de Portugal. Santa Isabel de Hungria teve por marido um rei bondoso e caritativo que nunca se opôs às obras piedosas da esposa. Diz a crónica que "mudando de estado, não mudou a sua acção benemérita, antes a intensificou. Uma vez, pôs no seu regaço a cabeça de um enfermo que cheirava tão mal que ninguem queria tratar dêle. A rainha Isabel de Hungria lavou-o por sua mão, e continuou a tratar dêle até o vêr curado».

Se o marido desta santa não se opunha à sua obra caritativa para que serviria o milagre das rosas? Este cabe indiscutivelmente à Rainha Santa Isabel de Coimbra. Na sua história suavíssima só ha flôres. Aqui, é oiro que se transforma em rosas; além, são as rosas que se transformam em oiro. E' ainda a lenda que nos diz que, andando a rainha a construir uma igreja em Leiria, pagou uma tarde aos trabalhadores, dando uma rosa a cada um, e que estas flôres se transformaram em moedas de oiro!

Tudo são flôres na crónica legendária de Santa Isabel! O povo, com o seu dôce instinto de poesia, é que transformou em róseas grinaldas de louvores o oiro abençoado que chovia das mãos da rainha para lhe enxugar as lágrimas. Quando o Papa canonisou a virtuosa esposa de D. Denis já o povo a tinha elevado ao mais belo pedestal do seu *Flos Sanctorum*.

E como não havia o povo de proceder assim? Quando a guerra civil devastava o reino, quando os peitos dos cavaleiros da Idade Média, entumecidos pelas paixões violentas, não respiravam senão ódio e vingança, quando os balsões tremulavam ao sôpro ardente da batalha, quando nos arredores de Lisboa tremia a terra debaixo dos pés dos cavalos cobertos de ferro enquanto nas ruas da cidade se agrupava a multidão assustada, ouvindo ao longe o eco das trombetas de guerra, quando o sangue português começava a ser derramado por mãos portuguesas, o povo via então a suave e pálida figura da rainha a caminhar em direcção ao campo da peleja, e daí a pouco, à sua voz, como à voz dum anjo, caírem as armas das mãos dos combatentes, aplacarem-se os ódios, e brilhar no céu azul e tranquilo o íris da paz depois de passageira tormenta. Como não havia o povo de julgar santa quem tais milagres fazia?

O povo nunca se engana nas suas bençãos e nas suas maldições.

A rainha Isabel tinha descido do céu como um benefício divino. O povo seguia-a, passo e passo, atraído por uma devoção de peregrino. E, vendo-a fundar hospitais, templos e conventos, sempre caridosa, risonha e activa; vendo-a em Santarem no hospital dos Inocentes que mandára edificar, a acolhêr crianças enjeitadas, tratá-las com um carinho de mãe e a lançar assim os fundamentos dessas Misericordias que depois, em mais larga escala, uma outra santa rainha havia de desenvolver; vendo-a exercer sempre o sagrado mister de protectora dos pobres e oprimidos, o povo rude que tudo compreende, viu que o anjo da concórdia era também o anjo das consolações, e, erguendo para ela as mãos suplicantes e agradecidas, principiou a dar-lhe o dôce e bem merecido título de Rainha Santa.

Durante muitos anos foi a esposa de D. Denis venerada pelas populações portuguesas sem que a Igreja a admitisse na lista dos seus bemaventurados. Afinal, num risonho dia de Maio — o mês das rosas — o papa Urbano VIII canonisou-a solenemente, confirmando assim o mandato popular.

Para que havemos de tentar desfazer a formosíssima lenda das rosas que não coube nem poderia caber à outra Santa Isabel da Hungria? Para quê?

De rosas foi tôda a jornada de sessenta e cinco anos que a nossa Rainha Santa empreendeu por êste mundo. E, como de rosas era o caminho, não seria para admirar que os pés da bondosa soberana sangrassem nos espinhos que todas as rosas têm. O seu bordão de peregrina a que sempre se apoiou até à morte e que com ela foi enterrado, teria reverdecido aos beijos da primavera e deveria ter florido em rosas perfumadas.

D. Denis, o rei poeta, teve a esposa que merecia para mais alta inspiração dos seus cantares: um anjo.

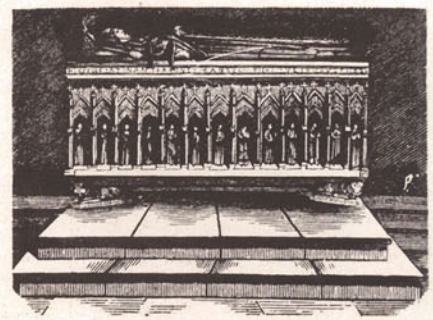
E assim se foi avolumando a lenda. Se até a terra lhe respeitou os restos mortais!

Frei Manuel da Esperança, na segunda parte da sua "História Seráfica» refere os resultados do exame feito à sepultura da rainha.

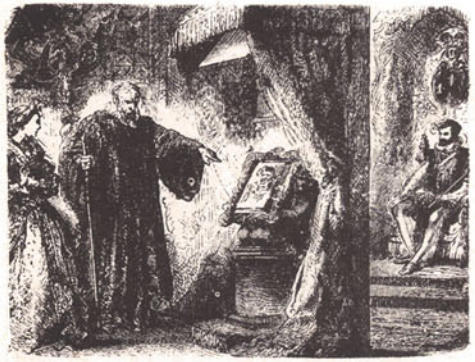
O milagre das rosas

"Achou-se o santo corpo cosido num encerado de linho, e êste era tão forte, que com muito trabalho se rasgou. Depois dêle se viu uma côlcha com a mesma côr e graça da sua primeira hora; e logo desenvolvendo-a, apareceu claramente a venerável rainha, vestida de estamenha parda escura, com um cordão pela cinta, e com as prégas do hábito concertadas e compostas, sem delas se ter quebrado ao menos uma linha. Na cabeça, a qual se achou coberta com alguns panos de linho, por cima deles estava um veu de seda, e, desfazendo-se todo êste envoltório manifestaram o rosto, que parecia dormir com muita serenidade, representando ainda a brandura, e amor com que tratou os vassalos.

"Estava todo o corpo envolto na sua carne muito massiça e fresca: a côr dela, como a cera fina, que tira a transparente; sem nela se enxergar um sinal de corrupção. E para mais apurarem esta grande maravilha, lhe rasgaram até o peito o hábito, onde os médicos viram a carne do mesmo modo. Assim também a acharam nas mãos e nos braços, que apertaram, e estenderam com fôrça, puxando pelos nervos, e apalpando os ossos; com o que ficaram certos, que tudo estava são.»



O antigo túmulo da Rainha Santa Isabel



Catarina de Médicis no laboratorio de Nostradamus

PROFECIAS QUE SE CUMPREM

A SINA DE MUSSOLINI

lida por um notável astrólogo francês

Nem o rei Alberto desistiu do seu desporto favorito — o alpinismo — nem Barthou se lembrou das recomendações quando partiu para Marselha a dar as boas vindas ao rei Alexandre da Jugo-Eslávia, que foi seu companheiro na morte. E, assim, foram cumpridas as terríveis profecias.

Mussolini deve ter meditado em revelações desta espécie que, desde que o mundo é mundo, sempre fizeram empalidecer os grandes dominadores.

À semelhança dos grandes senhores que dominaram no mundo rodeados de astrólogos, magos e adivinhos, Mussolini tem também quem lhe leia o seu futuro nas linhas hieroglíficas dos astros.

Trata-se de Maurice Privat, um astrólogo que já por várias vezes conseguiu acertar nas suas profecias, conquistando por isso uma certa celebridade. Muito antes da trágica morte do presidente Doumer, levou o seu zêlo a prevenir o então chefe do govêrno, André Tardieu, que não deu crédito às magicações do bruxo. Foi ainda êle quem predisse o desastre que vitimaria o rei Alberto da Bélgica, e quem aconselhou as mais rigorosas precauções a Louis Barthou entre os dias 5 e 15 de Outubro, pois estava ameaçado por um perigo gravíssimo.

Quando Moisés surgiu diante do Faraó a reclamar a libertação do povo israelita, fez cair sôbre o Egipto as sete pragas terríveis que deveriam abrandar o coração empedernido do tirano.

Grandes calamidades assolariam aquelas fertilíssimas terras banhadas pelo Nilo. Como o déspota sorrisse na sua incredulidade, Moisés ordenou a seu irmão Arão: "Toma a tua vara e estende-a sôbre as águas do Egipto para que se convertam em sangue!»

E assim sucedeu. Morreram os peixes, os rios corromperam-se, e houve sangue em todo o território egípcio.

Em face de tal pressão, o Faraó consentiu na libertação do povo eleito de Jehovah.

Mais tarde, o rei Saul, vendo-se em grande apuro, correu a consultar uma feiticeira de Endor que, pela voz do defunto Samuel, lhe anunciou o triste fim que o esperava. Com efeito, o desventurado rei de Israel acabou os seus dias em plena batalha com os filisteus, atravessando o ventre com a própria espada.

Saul ante a feiticeira de Endor

Êstes factos são revelados pela seriedade da Bíblia.

Poderiamos citar também o encantador Merlim que nasceu no século V, nas montanhas da Escócia, e se fartou de operar prodígios. Representa maravilhosamente o tipo do bardo, simultaneamente profeta, mágico, sábio, poeta e guerreiro. Vivia na côrte dêsse famoso rei Artur, cuja lenda se encontra emoldurada por nimbos de santidade. Com o auxílio duma espada mágica dada por Merlim, o rei Artur venceu os anglo-saxónios, os escoceses e submeteve a Irlanda. As profecias de Merlim foram durante muito tempo consideradas como oráculos infalíveis. Durante onze séculos todos os acontecimentos de maior importância foram considerados previstos pelo famoso feiticeiro, destacando-se a cruzada dos albigenses que os poetas do século XIII cantaram com exaltações ao seu profeta Merlim. Era tal a autoridade dêste mago que o próprio rei Eduardo III, desejando apoderar-se do trono da França, tentou justificar as suas pretensões com uma predição de Merlim, e que, em seu entendar, lhe dizia respeito.

A morte de Wallenstein

Os feitos heróicos de Joana de Arc foram anunciados pelo mágico escocês que se expressou assim: "um dia virá em que vereis descer de entre as constelações do Zodíaco a Virgem sôbre o dorso do Sagitário.» Com efeito, a Virgem de Orléans apareceu a libertar a pátria da invasão inglesa.

Miguel de Nostradamus não é menos célebre, podendo dizer-se que dominou plenamente na côrte de Catarina de Médicis. Estudou medicina, mas a astrologia atraía-o duma maneira empolgante. Foi êle quem predisse a morte de Henrique II no desastrado torneio, em que Montgommery lhe vasou um dos olhos com uma lançada. As celebradas "Centúrias» que o astrólogo escrevera em verso, à semelhança do nosso sapateiro de Trancoso, eram tidas na mais alta consideração.

Conta-se que Catarina de Médicis fôra consultar o feiticeiro e que êste, valendo-se duma engenhosa mistificação, fizera aparecer diante dela o espectro do delfim envenenado para que a coroa revertesse para seu irmão, o futuro Henrique II e marido daquela princesa.

Assim, Nostradamus conseguiu ter na sua mão tôda a meada de intrigas e crimes da côrte francesa e tornar-se duplamente temido.

A morte do famoso Wallenstein constitue também um dos mais eloqüentes exemplos da fatalidade das predições. Êste formidável guerreiro boémio foi, durante a Guerra dos Trinta Anos, o melhor general do imperador Fernando II, Lutou contra Gustavo Adolfo, e conseguiu as mais estrondosas vitórias. Levado pela sua desmedida ambição, projectou talhar um principado independente na Alemanha, e tornar-se senhor absoluto.

Um dia, o astrólogo Seni corre ao palácio do duque de Wallenstein a suplicar-lhe que se acautele, pois está sendo rodeado por inimigos tenebrosos que o querem assassinar.

— Maluquices de astrólogo! — remocou Wallenstein — Na minha infância gostava de ouvir contar essas histórias...

No dia seguinte, o duque de Wallenstein aparecia assassinado.

Ora, Maurice Privat, dirigindo-se a Mussolini, diz-lhe num extenso relatório emoldurado pelos signos do Zodíaco:

"Quando do vosso aniversário natalício, o eclipse de 29 de Julho apareceu entre o vosso Sol e o vosso Mercúrio, cobrindo-os a ambos. Era aziago em quadrado exacto com Marte e Urano. O mais humilde dos estudantes em astrologia teria reconhecido a gravidade dêste presságio, visto que o período do vosso nascimento surgiu sob a influência duma grande fatalidade. Assim, Marte passará, dentro de alguns dias, sôbre o Sol, e estará, pela sua posição celeste, sôbre o vosso ascendente no fim do mês, o que é uma perigosa concordância. Verifico ainda nos meus registos que lhe respeitam a data de 21 de Janeiro de 1903, em que a vossa vida correu grave risco, e a de 13 de Julho de 1922 em que se efectuou a marcha sôbre Roma. Agora aparece uma outra data também capital. Julgo-me, portanto, no dever de vos prevenir».

Um expressivo retrato de Mussolini

Privat continua o seu relatório afirmando que "a guerra italo-etíope está prevista para o mês de Outubro — o astrólogo escrevia em Julho — e que Mussolini estava ainda a tempo de evitar êste flagelo». Salientava também que era seu dever fazê-lo, por si próprio, pela Itália e por todos os italianos ameaçados de perderem a vida no território abexim.

E o sábio terminava desta maneira a sua predição:

"A campanha organizada pelo Estado Maior italiano será dura, com ameaças de epidemias intestinais, dificuldades imprevistas, doenças estranhas na Europa, ruína financeira irremediável. Decerto, ela não atingirá a popularidade do Duce, mas o povo começará a reflectir e a marcar o seu desafecto, Se Mussolini decidir a guerra, poderá felicitar-se de uma grande vitória em 15 de Novembro, mas, no fim dêste mês, sofrerá os mais atrozes revezes. A saúde de Mussolini será, nesta altura, a pior possível. A úlcera intestinal que até agora tem conseguido manter em respeito com um regime de dieta rigorosíssima, acabará por alastrar duma maneira terrível».

Moisés transforma as águas do Nilo em sangue

Mussolini, deve ter ponderado nesta predição.

UMA GUERRA DE CONQUISTA

A INVASÃO DA ETIÓPIA PELAS TROPAS ITALIANAS

Uma gigantesca campanha em que o [illegible] abexim empenha as suas limitadas fôrças e o seu [illegible]cional heroismo

CONFORME há muito se previa, as tropas italianas concentradas na Eritreia e na Somália empreenderam a conquista da Abissínia, a despeito de todos os esforços de conciliação tentados por várias potências e pela S. D. N.

A invasão realizou-se sob três frentes distintas. A primeira coluna militar, vinda de Assab cruzou a fronteira e tomou posições no monte Mussali. Esta violação do território etíope foi logo comunicada pelo Negus ao Conselho da Liga de Genebra.

No dia seguinte outra coluna militar partindo da Somália internava-se em terreno abexim, pelo Ogaden. E quási simultaneamente fortes contingentes militares saíam de Asmara e atravessando o rio Mareb, que naquele ponto forma a fronteira, invadiram a Etiópia pelo norte desenvolvendo uma impetuosa ofensiva sôbre Aduá.

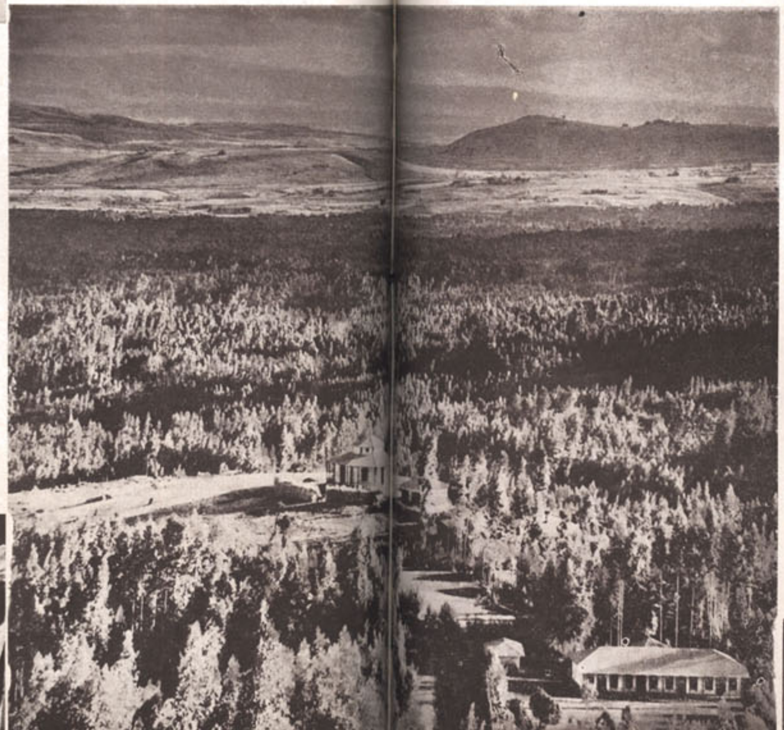
Pela configuração especial do país, só uma destas três frentes da invasão tem probabilidades de destroçar a defesa etíope e atingir o coração da Etiópia: é a frente norte. As outras têm antes por fim dividir as energias abexins e só poderiam, eventualmente, colaborar com a primeira num movimento envolvente contra o grande núcleo de resistência etíope que tem os seus eixos em Harrar e Dessié.

Proclamação da ordem de mobilização em Italia

Os obstáculos que impedem as colunas invasoras do leste e do sul de desempenhar um papel preponderante são de natureza geográfica. Ambas têm perante si vastidões deserticas antes de atingirem os contrafortes do maciço etíope, onde os abexins se encontram fortemente entrincheirados. A falta de água e as doenças do clima formam uma barreira natural mais forte do que tôdas as fortificações etíopes. Assim, a verdadeira batalha no sul trava-se agora contra a areia escaldante do deserto e para as tropas italianas é ela bem mais penosa que a tomada de Gerlogubi. Nest[as] condições o principal esfôrço italiano concentr[ou]-se na direcção de Aduá. Provam-no os efectiv[os] empenhados nesta fase da acção que se elevam a mais de cem mil homens.

Vista aérea da acidentada zona fronteiriça entre a Eritreia e o norte da Etiopia

A escolha de Aduá como primeiro e imperioso objectivo dos invasores, justifica-se por conhecidas razões de ordem históric[a]. Foi nas imediações da velha cidade que em 18[illegible] uma coluna militar do general Baratieri foi env[ol]vida e esmagada pelos abexins. A terrível derro[ta] foi para o orgulho italiano como [illegible] queimadura dum ferro em brasa. [illegible] exaltação da hora presente exac[er]bou a cicatriz, reacendendo o [de]sejo da desforra.



Um [illegible] de Addis-Abeba [illegible] uma floresta [de eucal]iptos que [illegible] Menelik [illegible] plantar

Aduá tinha de ser, portanto, o primeiro feito [m]ilitar dos italianos nesta campanha. Contava-se [c]om isso para estimular o soldado e todo o povo italiano, fazendo-os saborear as delícias da vitória.

Como não podia deixar de ser, Aduá caiu afinal em poder dos italianos. Roma celebrou com júbilo o glorioso acontecimento. E contudo, sob o ponto de vista militar, a conquista de Aduá é, para o comentador imparcial, uma bem pobre vitória. Precedidos de poderosos aviões de bombardeamento, de "tanks" blindados, de artelharia e regimentos de indígenas da Eritreia, os italianos avançaram em três colunas, num total de mais de cem mil homens.

No momento de partir para a frente da batalha um soldado etiope despede-se da sua companheira

Este formidavel aparelho militar, dotado dos maiores requintes na ciência da destruição devia, na opinião geral, esmagar facilmente a pobre resistência abexim. Tanto mais que os etíopes, convencidos da impossibilidade de repelir naquele ponto o invasor, tinham-se resignado à idea de perder a cidade e não empenhavam fôrças consideraveis na sua defesa. O grosso do exército do "rás" Seyum recuava para as linhas fortificadas de Macalé e os que ficaram para resistir ao inimigo tinham apenas em vista fazer pagar tão cara quanto possível a tomada da cidade.

Pois apesar disso, a ocupação da histórica cidade custou aos italianos três dias de luta renhida. Todo o seu admirável aparelho bélico só à custa dos maiores esforços conseguiu superar a heroicidade dos etíopes na defesa da sua pátria. Axum resistiu tambem denodadamente. As vitórias das tropas italianas foram, portanto, a conseqüência directa duma incomparável superioridade material. Mas se quisermos encontrar paralelo para os grandes feitos da nossa história, em que um escasso punhado de homens se cobria de gloria, temos de o procurar do lado dos etíopes.

A campanha de Mussolini, iniciada por estas duas vitórias, não se afigura por isso pouco penosa. A táctica etíope consiste em atrair o inimigo aos profundos vales cavados no planalto e rodeado por montanhas de mais de 3.000 metros de altura. As superioridades relativas das tropas abexins estarão aí elevadas ao máximo, ao passo que o pesa do aparelho militar italiano perderá grande parte da sua eficiência. Se considerarmos que o grosso das forças etíopes não tomou ainda parte na luta, em especial o núcleo formado em moldes europeus que dispõe de bom material e de intenso exercício, e que, quebrado o primeiro impeto, o avanço italiano vai tornar-se cada vez mais lento e difícil, chegamos á conclusão de que a conquista da Etiópia, na hipótese de vir a concluir-se, sairia excessivamente cara à Italia. Admitindo que o Corpo Expedicionario da Africa esteja actualmente elevado a 300.000 homens, pode mesmo prever-se que êsses efectivos não bastarão e que forçoso será a Mussolini empenhar na luta mais uma parte considerável da mocidade italiana.

Entretanto, os etíopes começam a praticar a guerra de guerrilhas, procurando fatigar o inimigo antes do combate decisivo em que contam triunfar.

Os tambores anunciam em toda a Etiopia o chamamento às armas para resistir ao invasor

O ministro dos Negocios Estrangeiros inglês, sir Samuel Hoare

A INGLATERRA PERANTE A INVASÃO DA ETIÓPIA

A diplomacia do Império Britânico desenvolve uma formidável ofensiva

em defesa dos elevados princípios de Direito e Justiça do Pacto da S. D. N.

NAS horas confusas e agitadas que vivemos, a política do Império Britânico acaba de se afirmar duma maneira notável e decisiva para os destinos do mundo. O velho leão inglês, que o mundo se ia habituando a julgar adormecido, ergueu-se com decisão. Não rugiu. Ainda o não julgou necessário. Mas o sopro da sua vontade possante perpassou sobre as nações. Que motivara êste despertar? Lá em baixo no Mediterrâneo, veia jugular da Inglaterra, um homem inebriado na evocação dos esplendores da Roma Antiga, sonhara um Império para o seu povo. Como se propunha consegui-lo? Pela lei da invasão e da conquista. A arrogante Itália de hoje ocuparia a velha Abissínia e ficariam lançados os alicerces dêsse Império.

Estas ambições ameaçavam a supremacia do Império Britânico, num ponto vital. A ameaça podia não se efectivar hoje nem àmanhã. Mas permaneceria latente, pesando sob a segurança do Reino Unido e dos seus Domínios. Impunha-se portanto eliminá-la, para evitar inquietantes contingências no futuro.

A Inglaterra sentiu, pois, todo o imperativo dessa necessidade. Há vinte e cinco ou trinta anos teria sido a guerra pura e simples que poria termo às ambições de Roma. Hoje, o panorama internacional é diferente. O problema apresentava-se sob novas fórmulas e era preciso encontrar-lhe resolução adequada ao espírito da época.

Foi então que, como dissemos, o leão britânico despertou. Lento no proceder, mas profundo no reflectir, não perdeu tempo em estéreis discussões. Dois gestos firmes marcaram a sua divisão: concentrou a sua esquadra no Mediterrâneo e desencadeou a mais formidável ofensiva diplomática do nosso século.

Estes dois movimentos, longamente meditados, destinavam-se a completar-se. Para honra da civilização e da humanidade impunha-se que a resolução do problema fosse encontrada dentro das normas do Direito. Mas para que a dignidade dêste não fosse apoucada, era preciso que uma força indiscutivel o apoiasse. Desde o primeiro momento o assunto caiu, portanto, sob a alçada dos jurisconsultos, e diplomatas. E para que as decisões dêstes significassem alguma cousa, a esquadra britânica vela noite e dia às portas do Mediterrâneo.

A última conflagração europeia deixou-nos, a par de tristes heranças, o esboço dum belo sonho — a Sociedade das Nações. Seria absurdo dizer que ela corresponde inteiramente ao ideal que presidiu à sua concepção. Mas reconheçamos que êsse ideal era justo e generoso e merece por isso o concurso de tôdas as boas vontades.

Evitar a guerra foi o principal objectivo dos estadistas que elaboraram o Pacto da S. D. N. Além do compromisso formal de cada nação de não recorrer às armas para resolver conflictos, previram-se sanções contra o país agressor. E assentaram-se dêsse modo as bases dum sistema que devia, teoricamente, tornar a guerra impossível.

Conseguiu-se êsse objectivo? Nem sempre. E' forçoso reconhecer que o organismo de Genebra conta mais revezes do que êxitos. O conflito do Chaco, a anexação dissimulada da Manchuria pelo Japão, mostram que a S. D. N. nem sempre esteve à altura de impor as normas do Direito e da Justiça. Mas uma instituição dêste género vive sobretudo pelo seu prestígio moral. Seria um êrro negar-lho, por motivo dumas quantas deficiências. Muito pelo contrário, importa conceder-lhe tôda a confiança, para que ela possa desempenhar-se da sua missão.

O chefe do Govêrno britânico Stanley Baldwin. A' esquerda: O conhecido jornalista britânico Ward Price, a quem Mussolini concedeu várias entrevistas celebres

As pretensões da Itália incidiam sôbre a Etiopia. Este país, que pertence à S. D. N., recorreu muito naturalmente a êsse organismo para que salvaguardasse a sua segurança. Competia à S. D. N. estudar o pleito e propor resoluções.

Esta orientação não agradava à Itália. Ninguem submete de vontade uma questão a julgamento, sabendo que o seu ponto de vista é indefensavel à face da justiça. Assim, as directrizes da acção de Roma não se modificaram. E no momento que se julgou oportuno, o território etiope foi invadido, quási simultaneamente, por três pontos das suas fronteiras com as colónias italianas. A agressão consumara-se. Restava pôr em execução o mecanismo de sanções destinado a pôr-lhe termo.

Tôda a força da acção diplomática da Inglaterra se fez sentir então, tendida por um esforço que é sem dúvida dos mais prodigiosos que a História regista. Inabalavel na sua atitude rigidamente definida pela letra do Pacto de Genebra, o Império britânico afirmou a sua decisão inflexivel de fazer cumprir o Pacto, pelo qual orienta tôda a sua política externa.

Comentadores malévolos, não perderam a ocasião de fazer sentir que esta atitude da Inglaterra correspondia exactamente à defesa dos seus interêsses. Seria absurdo pretender contestá-lo. Mas ninguem se lembrará por certo de acusar a Grã Bretanha pelo facto de os interêsses da Justiça e do Direito coincidirem com os seus.

Com os seus poderosos barcos de guerra, a Inglaterra assegura a sua supremacia naval e aerea no Mediterrâneo

Por outro lado, é indiscutível que existe em Inglaterra certa mística da S. D. N. O povo britânico, ponderado e leal, confia nêsse organismo que consubstância a seus olhos o nobre princípio do "fair play". Se tôdas as nações que formam a Liga de Genebra lhe dessem um concurso tão valioso, outras seriam hoje as perspectivas da política internacional.

Dentro duma posição tão clara, sir Samuel Hoare e Anthony Eden não encontraram grande dificuldade em definir com nitidez o ponto de vista do seu Govêrno sôbre o interpretação insofismável do Pacto. Tão resoluta atitude não podia deixar de vivificar o organismo genebrino. O mecanismo do Pacto entrou automaticamente em acção após o reconhecimento da qualidade de agressor à Itália. Foi embargada a exportação de armas para êste país e autorizada para a Etiopia. As sanções vão ser aplicadas sob uma forma progressiva. E êste conjuncto de medidas deve pôr termo à guerra, a menos que antes disso as ambições italianas se desmoronem contra a heroica resistencia do povo abexim que luta pela independencia da sua patria duas vezes milenária.

Entretanto a ofensiva da diplomacia britânica prossegue nos mais diversos sectores, com episódios que a História um dia registará, certamente.

Sob êste impulso vigoroso, a França abandona pouco a pouco as suas hesitações, na Grécia apressa-se a restauração do regime monárquico, a Espanha colabora com a Inglaterra na vigilancia da sua costa mediterrânica, as relações do Egipto com a Grã Bretanha tornaram-se mais íntimas. O Império reune as suas forças morais para conjurar o perigo. E o mesmo faz no domínio dos armamentos concentrando nas suas bases navais de Gibraltar e do Próximo Oriente fôrças navais e aéreas que lhe dêem incontestável supremacia no "Mare Nostrum" cantado pelos latinos.

Animada pelo espírito prudente e decidido da Inglaterra, a S. D. N. encontra-se num momento grave da sua existência. Confiamos que com tão valioso apoio saberá triunfar das dificuldades e fazer respeitar a lei. Se assim fôr, o seu prestígio aumentará na mais larga proporção. E não é, talvez, excesso de optimismo dizer que novos horizontes se abrirão à politica internacional. A eficácia da S. D. N. como instrumento de segurança ficará demonstrada. E é de supor que nenhum país queira a partir dêsse momento sofrer-lhe as conseqüências repetindo uma experiência identica à do Govêrno de Roma.

Anthony Eden, membro do Govêrno inglês encarregado dos assuntos da S. D. N.

Contra esta politica sensata insurgem-se os partidários da Itália, acusando a Inglaterra de fazer degenerar um conflito restrito numa guerra mundial. Para êsses, a empresa de Mussolini não deveria ser estorvada pelas outras nações. Quere dizer: todos os países assistiriam indiferentes ao esmagamento dum Estado, a êles ligado por um Pacto de segurança coletiva. E escutariam impassíveis os seus apelos à solidariedade internacional contra o perigo duma civilização distribuida por aviões, sob a forma de bombas.

A consagração dêste critério seria um golpe de morte nos ideais da Justiça e do Direito que é preciso ver ressurgir mais vigorosos do que nunca. Ao contrario do que afirmou Mussolini numa imagem pouco feliz, não se deve recear que um bombeiro largue fogo à cidade para apagar um incêndio. O que é preciso é que o bombeiro não fuja ao cumprimento do seu dever por falta de confiança em si próprio. E se a tiver, não lhe será difícil combater as chamas e localizar o fogo.

A aplicação do Pacto da S. D. N., tal como a Inglaterra a reclama, pode na realidade coincidir com os interêsses do Imperio Britânico. Mas nem por isso deixa de ser a expressão exacta do que a dignidade humana e o direito exigem que se faça sem demoras.

A luta atinge agora a sua maxima intensidade. Não nos desfiladeiros da Etiópia, mas aqui em plena Europa, nas chancelarias das grandes capitais. Luta incruenta que pode salvar muitas vidas. Que as ambições do chefe romano não sejam hoje sufocadas, e teremos amanhã dez focos ídenticos espalhados pela Europa.

A segurança de todos, e a das nações coloniais em especial, está estreitamente ligada à vitória da politica inglesa, que é a vitória da S. D. N.

Manuel L. Rodrigues.

Edifício da Universidade de Cracóvia

IMPRESSÕES DE VIAGEM

A paisagem da Polónia

PASSEI por Varsóvia uma manhã, muito cedo.

A estação do caminho de ferro é sobria, fresca e fria. Terei que viajar ainda durante um dia por terra polaca e acharei sempre a mesma monotonia de paisagem.

Nada chama a nossa atenção nos quilómetros e quilómetros que vamos percorrendo. E' assim, precisamente, todo o nordeste do Continente; desde o rio Oder, a oeste, até aos montes Urais, e desde o Báltico ao Mar Negro; acinzentado, simetricamente plano, entrecortado de quando em quando pelos baixos encadeamentos das colinas, sobre as quais se erguem sempre pinheiros iguais, árvores escuras, e donde correm rios e regatos esverdeados, sujos; onde se estendem povoações e lugarejos agrupados em volta da sua igreja, com os campanários esguios como gargalos de garrafas. Nas estações, homens calados, meditativos e de aspecto triste, esperam o combóio; as mulheres usam lenços azues e amarelos atados em volta do pescoço ou sobre a cabeça.

Se é raro que alguma cousa nos surpreenda nas estações dos países que estou a percorrer, na Polónia muito menos. Marcha durante muito tempo o combóio sem que distingamos na roda do vasto horizonte algum monte ou cidade digna de interesse. Aqui a terra é exactamente uniforme; uma superfície plana, os mesmos quadros — sempre a mesma cor, a mesma tonalidade parda, a mesma monotonia — como se tivessem sido estampados em número infinito por portentosa máquina. Poucas paisagens podem assemelhar-se a estas em tristeza. Tal como um pastor que tocasse na sua flauta o mesmo motivo, um motivo imperceptivel a princípio, que se vai tornando melancólico e acaba por nos desagradar em extremo — porque a flauta mal consegue fazer-se ouvir. Então o que mais desejamos é ver alguma cousa que prenda a nossa atenção; um penhasco, uma cascata, um lago, o contorno de algum monte... Mas nada vislumbramos. Nada mais que a ondulação de campos e florestas sem fim, povoações como que adormecidas pelo andar do tempo e pelo aborrecimento. São como barcos abandonados que se balouçam neste oceano tranqüilo.

De vez em quando, distinguimos além abetos e álamos envoltos na bruma. Pobres e delicados troncos tão cantados pela musa polaca! Acodem-me então insensivelmente ao espírito as Florestas de Viena, a Floresta Negra alemã, os Alpes suiços, a Torre Eiffel, os Pireneus, as torres da Sagrada Família e da Giralda, os canais lombardos, as lagunas venezianas, ilhas brancas entre o mar verde e azul...

Como sentimos mais viva a recordação do mar ao ver estas paisagens monótonas que lhe são semelhantes!

Diz-se na Itália: "uma terra sem mar é uma semana sem domingo». Mas a Polónia também tem o seu verdadeiro mar; um mar minúsculo, na realidade, mas que ela conserva e trata como um jardineiro cuida dos seus mais delicados canteiros. Esse bocadinho de mar em frente da Gdynia é o orgulho da Polónia. Ali tem o seu porto e nêle emprega boa parte do seu dinheiro e dos seus bens; e Gdynia, perdida na bruma do Báltico, é um pouco de felicidade no triste crepúsculo desta insípida paisagem, assim como um jardim influe no adorno duma cidade.

Há já bastante tempo que vou sentado no combóio sem que a paisagem perca a sua monotonia. Uma empregada percorre o combóio oferecendo-nos uma distracção: a radio-telefonia. Utilizo-me dos auscultadores, e eis que a música se mistura ao rodar do trem; reconheço-a desde logo: é o "Nocturno» de Chopin que Varsóvia nos oferece.

Quantas vezes o ouvi desde criança! E contudo, sempre se nos afigura nova e sempre me deleita com igual e agradável impressão. Eu imaginava um país infinitamente doce, florescente e encantador, sofrendo sôb o domínio de terriveis demónios; um país de nuvens brancas sôb um ceu muito límpido, diáfano, de prados verdes — e ardendo em fogo que poria tôda a terra num instante em ígnea revolta.

Misturam-se agora as duas espécies: a da paisagem que se vê pela janela e a melodia do violino; depois é a música que vence, mas engana-se e ilude-nos porque não é a paisagem que vejo, a que a música canta, mas sim uma terra monótona, esgotada, em cuja amargura não há um só momento de efémera grandeza. Como nos fatiga, oprime e aborrece!

Pela centésima vez resolvo não viajar no futuro, resistindo a tôda a tentação. Não quero tornar a comparar a poesia com a verdade, e invejo os que comoda e egoisticamente estão metidos em sua casa rodeados de todo o confôrto. Acaba a rapsódia de Chopin e começa uma nova emissão; retine primeiro o grito dum *jazz*. Segue-se-lhe então um júbilo fervente e inarticulado, como uma marcha triunfal de bárbaros, ensurdecendo com os gritos que solta a cansada Europa.

O comboio começa a soltar dissonâncias. As rodas retumbem como enormes timbales; a locomotiva é como um gigantesco saxofone tragando o vento terrível — deixa atrás de si um som confuso. Uma estuante alegria se apodera de mim: por certo é a barbárie quem vence, mas não sou eu o vencido. Os sons deslisam para o seu rápido fim como cavalos brancos deslisando sôbre pradarias verdes para atingir o último obstáculo... Benditas sejam as novas gerações, os jóvens, os fortes... É dêles a Europa, o Mundo, o futuro.

Agora fala alguém na língua do país, mas não o compreendo. Tiro os auscultadores e ponho-os no assento ao lado. Olho pela janela: a paisagem não sofreu alteração; continua a ser igual. Mas, sob a impressão das duas músicas, afigura-se-me que ela levanta ràpidamente a voz e que essa voz é a de um côro de homens já maduros, homens que não poderão readquirir jàmais o fogo da juventude. Acaba o orador a sua alocução e, de repente, ouve-se como que um silvo; um novo som sai dos auscultadores. Ponho-os à pressa: a "Krakowiak» — dança nacional — começa a fazer-se ouvir. Também pode brilhar a alegria sôbre estas planícies. A sua forma não é talvez muito engenhosa; mas não será mais humana que o *jazz?*

A paisagem, que não modificou as suas linhas, lança agora raios dum orgulhoso sorriso: a recordação da sua história gloriosa — que é uma parte da história da Europa.

Vai caindo a tarde; o crepúsculo aproxima-se em sombras suaves. A terra morre, afoga-se, vai-se fundindo como uma vela em altar da igreja afastada. Pela janela vemos agora uma paisagem completamente diversa. Erguem-se casas soturnas de telhados vermelhos. Reluzem com freqüência candieiros de gás e de tempos a tempos o comboio atravessa labirintos de edifícios de ferro, montes de pedra e de carvão, altas chaminés, nesta última extremidade do sudoeste da Polónia: a Alta Silésia. Fumo e nuvens obscurecem o céu do crepúsculo; a paisagem está como que revolta por uma tempestade; mas tudo isto morre.

Uma paisagem industrial como esta foi durante séculos o orgulho dos nossos antepassados. Que diferente é êste quadro de trabalho incessante, inesgotável; ávido de dinheiro, do dos centros industriais da Europa Central, do Sarre, das margens do Reno, do Norte da Itália, da América em especial, onde todos os seus altos edifícios são construções alegres, de pedra branca e vidros claros, banhados de luz!

As casas parecem iguais aos montes, dispostas como que em camadas, na noite; um caos inculto, condenado a desaparecer. Dez anos mais e estas florestas de madeira e ferro ter-se-ão transformado em sumptuosos edifícios. Já se agita ali essa idea.

Os centros industriais, como os do distrito de Kattovice parecem ainda mais tristes e deploráveis que a planície. As casas são mais limpas mas mais sombrias, sem que entre elas surjam edifícios de côres variadas, de linhas modernas. Os jardins da cidade lutam penosamente por um pouco de variedade de côres; as flores e as folhas, como as árvores, estão sempre cobertas duma poeira suja; as fontes dos jardins lançam pó de carvão de mistura com a água.

O comboio dirige-se velozmente para a fronteira da Polónia. Já se aproximam os países das grandes montanhas e dos grandes rios sôbre os quais Deus estende mão mais generosa e por certo mais fàcilmente perceptível...

W. M. Ullmann.

A Biblioteca de Jaguellons em Cracovia, fundada em 1492

Claustro do palácio em Wawel

Uma noiva com o traje regional polaco

Max Baer e Primo Carnera, as duas vítimas de Joe Louis no tempo em que haviam trocado as agruras do «ring» pelos prazeres da filmagem

A QUINZENA DESPORTIVA

O combate disputado em Nova-York pelos pugilistas americanos Joe Louis e Max Baer, foi sem dúvida, o acontecimento mais sensacional da quinzena desportiva.

Apesar de não estar em disputa o título de campeão mundial, cujo detentor é Jim Braddock, um homem que toda a crítica considera de classe modesta, e apesar também do encontro não ser sancionado pela Federação Internacional, que dias depois opunha em Bruxelas o belga Pierre Charles e um negro americano já velho e cansado, como candidatos à corôa suprema, a luta entre Baer e Louis foi considerada universalmente o choque dos dois mais fortes socadores do momento.

O negro Louis, vinte e um anos incompletos, era há um ano campeão amador dos Estados-Unidos na categoria dos meio-pesados. Dois anos depois da conquista do título, passava ao profissionalismo e, até final da época de 1934, onze adversários eram abatidos por êle em outros tantos combates disputados.

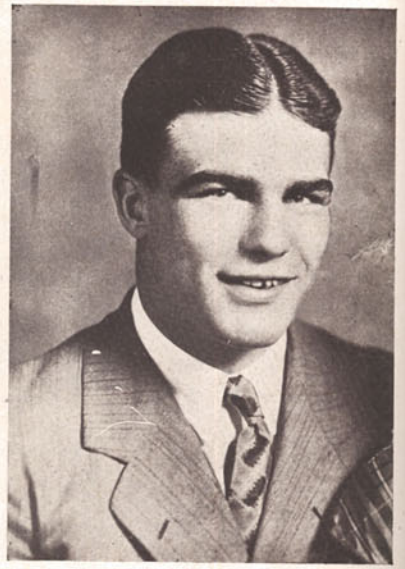
De vitória em vitória Louis foi abrindo ràpidamente caminho, e sucessivamente, baquearam, ante a força dos seus punhos King Levinsky, o gigantesco Primo Carnera e, agora, o fotogénico Max Baer que lhe deixa livre o caminho para o assalto supremo ao pouco apreciado Braddock.

Este assistiu ao encontro para designação do seu futuro contendor, e não deve ter ficado muito satisfeito com a perspectiva de servir de alvo aos sôcos de Louis; escreveu um jornalista americano, que Braddock olhava para o negro como um condenado encara o verdugo que o há-de executar.

O entusiasmo popular atingiu os limites da loucura e a importância do acontecimento apagou do espírito dos americanos todo o resto da vida universal. Disse o correspondente dum diário francês: "Os Estados-Unidos, obsecados pela curiosidade do combate entre Louis e Baer, importam-se tanto que a Itália entre em guerra com a Abissínia, e a Inglaterra intervenha no conflito e a Europa se debata numa situação que pode ensangüentar o mundo, como um peixe se preocupa com uma laranja.»

Na vespera do combate organizaram-se vinte comboios especiais, e mais do dobro no próprio dia da luta. Veio gente de todos os cantos do país e por todos os meios de transportes possíveis; 84.831 espectadores pagaram bilhete para assistir ao "match»; sendo a receita de 18.650 contos, o govêrno recebeu 10 %, o Estado de Nova-York 5 %, a Obra da Gota de Leite em cujo benefício o espectáculo foi em princípio organizado 10 %, o proprietário do Estádio 10 % e cada um dos contendores 30 %. O promotor do encontro ficou, portanto, à sua parte apenas com uma percentagem de 5 %, que representam ainda assim a bagatela de quási 720 contos.

O triunfo alcançado por Joe Louis, cujo apelido verdadeiro é Barrow, foi recebido com delírio pelos da sua raça, e o bairro nova-yorkino de Harlem, onde habitam os negros esteve em ruidosa festa durante tôda a noite. Embora seja arriscado prever, pois o ódio americano aos homens de côr pode estorvar a marcha normal dos acontecimentos, tudo leva a acreditar que Louis será dentro em breve o campeão mundial de box um campeão duma classe muito superior à dos seus mais próximos antecessores.



O alemão Max Schmeling, futuro adversário do negro Joe Louis

Aquem do Atlântico representava-se quási simultâneamente, uma pobre comédia da autoria da Federação Internacional, que, pelos vistos não teme o ridículo. Servindo-se do disposto nos regulamentos, o belga Pierre Charles, que já vimos combater na arena do Campo Pequeno, desafiou oficialmente o campeão do mundo, que ao tempo era Baer.

E' claro que o combate não encontrou organizador nem tão pouco o americano se dignou vir ao velho continente satisfazer as aspirações de tão modesto candidato. Então, passado certo prazo e sempre ao abrigo dos seus regulamentos a Federação Internacional destituiu Baer, declarou o titulo vago e abriu competição para sua disputa.

Inscreveu-se apenas Charles e, já depois de terminado o prazo, um negro americano chamado Georges Godfrey, antigo pugilista actualmente dedicado à prática de luta livre. O encontro entre estes pretendentes realizou-se em Bruxelas, uma semana depois, do combate Louis-Baer, e foi técnicamente duma inferioridade lamentavel. Nêle, também, venceu o negro, mas sem lustre que justifique perante uma crítica sensata os louros que federativamente lhe foram conferidos.

Para o público, para os apaixonados do box, o autêntico campeão do mundo é hoje Joe Louis, porque a todos parece incontestavelmente o melhor.

■

O jornal francês "L'Auto» transmitiu à nossa União Velocipédica um convite oficial para a representação dos ciclistas portugueses na Volta a França, de que é organizador.

Não vou perder espaço em explicações sôbre o que representa e o que vale na actividade desportiva mundial, a volta a França em bicicleta; tôda a gente o sabe.

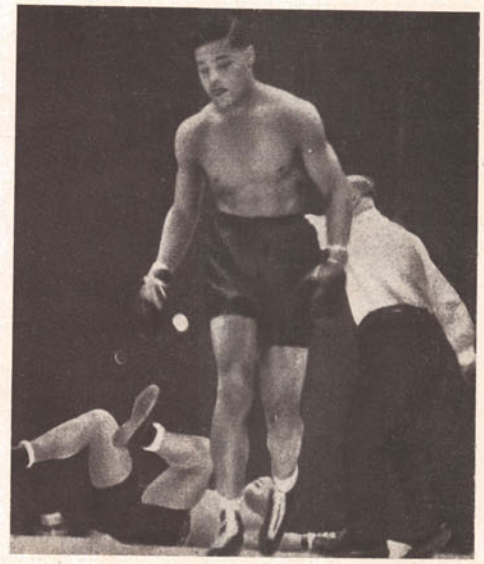
O convite é, portanto, altamente honroso, simultâneamente, da melhor utilidade pois abriria aos nossos ecpecialistas um precioso terreno de aprendizagem, muito difícil de percorrer com êxito, mesmo relativo, mas fértil em consequências vantajosas para o progresso futuro da modalidade.

Para ser possível, porém, a presença de corredores portugueses era indispensável que, primeiro transitassem para a categoria de profissionais, visto a estes ser reservada a inscrição na volta a França.

A U. V. P. consultou os clubes seus filiados, e estes decidiram por unanimidade que os ciclistas não devem abandonar o amadorismo em que se conservam, e de cuja pureza integral ninguem suspeita sequer.

E' curioso notar que, entre os clubes que assim decidiram, figurava uma pseudo-colectividade provinciana que tem um patrão e reüniu sob as suas cores um notável grupo de estrêlas aliciadas nas falanges doutras agremiações e recorrendo a processos altamente persuasivos.

Continuaremos assim isolados de todo o contacto internacional; um outro convite para participar na Volta à Galiza, fica sem resposta pelo mesmo motivo do anterior, e nunca mais sairemos da mediocridade onde estagnamos. Que se aproveite, ao menos, êste amadorismo à fôrça, para inscrever os melhores ciclistas, especialmente preparados para isso, na competição olímpica de Berlim.



O ponto culminante do combate de Nova-York; Louis derrubou Baer e o árbitro começa a contar os segundos fatais

Servirá a luta de prova real ao valor dos rapazes e de tira-teimas à intransigência dos dirigentes.

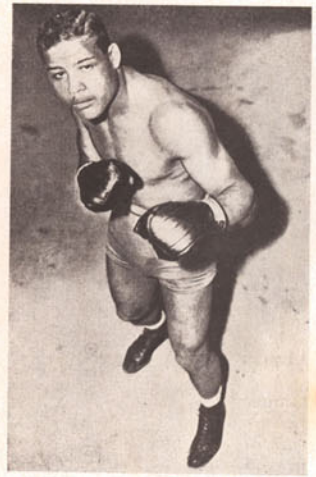
■

A questão da participação dos desportistas alemãis "não arianos» de raça, nos Jogos de Berlim, que fôra satisfatòriamente resolvido no Congresso Olímpico de Vieno, volta à actualidade e parece reservar ainda surpresas e complicações.

Há algum tempo que se nota na Alemanha um recrudescimento de "racismo» que se repercute no campo desportivo; irradiações, conflitos e campanha de Imprensa exigindo a exclusão dos israelitas das falanges dos representantes olímpicos para 1936.

Esta nova vaga de anti-semitismo causou intensa sensação nos Estados Unidos e, apesar das garantias recebidas a tal propósito pelo presidente do C. O. Americano a quando da sua viagem à Alemanha, desenvolve-se de momento uma forte ofensiva àlém Atlântico no sentido de levar o país à desistência de comparecer com quaisquer atletas nos Jogos do ano próximo em Berlim.

Joe Louis, a grande revelação da Nobre Arte



A semelhantes propósitos respondeu o ministro alemão dos desportos, pela palavra do seu chefe de serviços de imprensa, varrendo as acusações e afirmando a inteira liberdade de acção concedida indistintamente a todos os alemães. Se os judeus realizarem proezas que os classifiquem, serão selecionados como quaisquer outros indivíduos.

Depois de várias considerações interessantes o dr. von Magden conclui a sua exposição da forma seguinte: "Todos aqueles que, consciente ou inconscientemente favorecem os manejos dos malfeitores que actuam nos bastidores, devem compreender que os Jogos morrerão no dia em que os países enviem ou não os seus representantes conforme lhes agrade ou desagrade a política da nação organizadora.

Deve existir neste mundo de interesses antagónicos uma ilha na qual os povos se possam livremente encontrar.

Nesta ilha de paz encontram-se os altares olímpicos; oxalá os responsáveis pelos Jogos no mundo inteiro saibam impedir que nos degraus dêsses altares se instale a política suja de homens sem escrúpulos.»

Palavras duma nobreza incontestável, mas terá quem as pronuncia a consciência liberta para o poder fazer?

Salazar Carreira.

HUMORISMO

A ocasião era cheia de solenidade. O André tinha completado dezasseis anos e ia fazer a barba pela primeira vez. O pai olhava-o com um sorriso benévolo.

André começou por ensaboar conscienciosamente a cara. Depois pegou na máquina de barbear e rapou a cara com todo o cuidado. Quando acabou passou a mão pelo queixo e murmurou satisfeito:

— Não ficou nada mal.

Nesta altura o pai aproximou-se e observou-lhe muito brandamente:

— Esqueceste-te disto...

E apontou-lhe a lâmina que ficara sôbre o "toilette".

■

O domesticador de leões adoecera e o espectáculo do circo estava em risco de não poder realizar-se, quando a mulher dêle se apresentou ao director da companhia.

— Venho substituir meu marido — declarou ela.

— Mas está habituada a lidar com os animais?

— Habituada, não. Mas não é verdade que foi meu marido quem domesticou os leões?

— Sem dúvida.

— Pois bem — concluiu triunfante — E eu domestiquei-o a êle!

■

— Quando achou o anel porque não foi entregá-lo na esquadra da Polícia.

— Pensei que podia ficar com êle...

— Porquê?

— Porque tinha gravado pelo lado de dentro: "Teu para sempre"...

■

Um garoto de três anos conseguiu alcançar a borla do pó de arroz da mãe e preparava-se para empoar o rosto, quando a irmã, mais velha dois anos, o surpreendeu. Tirou-lhe o objecto das mãos e disse-lhe com severidade:

— Não deves fazer isso. Só as senhoras é que usam pó de arroz. Os homens lavam-se.

■

— Dizem que o João é muito poupado...

— Imagina que guardou todos os seus brinquedos para a sua segunda menina...

■

O médico: — Então de que se queixa?

O doente: — Volta e meia salta-me uma dor violenta às costas.

O médico: — Aqui tem uma receita. Tome um comprimido um quarto de hora antes de a dor aparecer.

■

— Querido — murmurou ela em êxtase — Amar-me-ás ainda quando os meus cabelos já tiverem embranquecido.

— Mas certamente. Desde que te conheço já tiveste cabelos pretos e louros e amei-te sempre igualmente.

■

— Ias a dizer-me que tua mulher te atirou com um bule. Mas acertou-te?

— Infelizmente, não.

— Infelizmente, porquê?

— Porque em vez de acertar em mim, acertou no gato. O animal espantou-se e rasgou as cortinas. As cortinas cairam no lume e incendiaram-se. Dez minutos depois a casa estava tôda em chamas e de então para cá dormimos numa barraca no jardim.

■

Naquele dia ao jantar o Zézinho estava a comer de maneira desmedida. Repetira já vários pratos quando disse:

— Mamã, dá-me mais assado?

A mãi olhou para êle inquieta e objectou-lhe:

— E' melhor não comeres mais, meu filho. Podes rebentar...

Zézinho olhou hesitante a travessa e depois, como quem toma uma resolução heroica, estendeu o prato.

— Pois bem, — disse — dê-me mais um bocado e afastem-se todos.

■

Alice: — Desde os vinte seis anos que faço segrêdo da minha idade.

Laura: — Ora... mais dia menos dia acabas por revelá-la.

Alice: — Não penses isso. Quando uma mulher guarda um segrêdo durante vinte anos, pode guardá-lo para sempre.

■

O milionário: — Nunca deves esquecer os pobres, meu filho.

O filho: — Porquê, papá?

O milionário: — Porque também podem vir a ser ricos um dia.

■

A dona da casa: — Joana, porque têm as cadeiras da sala tanto pó?

A criada: — A senhora ultimamente tem recebido tão poucas visitas...

■

Na esquadra de polícia: — Creio que conseguimos descobrir o paradeiro de sua mulher...

— Ah, sim? E que disse ela?

— Nada.

— Nada?! Então não é minha mulher.

■

O porteiro: — Não é permitida a entrada aos cães.

O visitante: — Mas êste cão não é meu.

O porteiro: — Não é seu?! Mas veio atrás de si.

O visitante: — Também o senhor...

■

A mulher para o marido, procurando arranjar entretenimento para o serão que se anuncia aborrecido:

— Vamos jogar as cartas...

— A dinheiro?

— Não. Jogamos um casaco de peles. Se eu ganhar, escolho-o eu. Se ganhares tu, podes tu próprio escolhê-lo.

O despertar dos "boxeurs"

(História muda)

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No Gimnásio

Organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, da qual fazem parte D. Alice Sousa e Melo, D. Ana Laboreiro de Mira Mendes, D. Branca da Silveira e Silva, D. Branca de Somer de Andrade, D. Candida Lupi Santos Jorge, condessa de Murça, condessa de Vil'Alva, D. Eugénia da Costa Cardoso, D. Josefina de Arbués Moreira, D. Maria Antónia de Saldanha Marrecas Franco e D. Maria Leonor Madureira Osório, realiza na noite de 7 de Novembro próximo, no teatro do Gimnásio, uma elegante récita de caridade, cujo produto se destina a favor da Casa de Trabalho de Santo António do Estoril, na qual será representada pela magnífica companhia Lucília Simões-Erico Braga, a peça «A Dama Branca» que tanto êxito obteve a época passada e na qual a ilustre artista empresária tem um soberbo trabalho. Completará o espectáculo um acto de variedades.

Os bilhetes passados com a data de 18 de Setembro, para o Casino Estoril, devem ser trocados no camaroteiro do teatro do Gimnásio.

Casamentos

Presidido pelo prior da freguezia reverendo dr. Alves Lirio, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, realizou-se na paroquial de S. José o casamento da sr.ª D. Emília de Magalhães Barros Baião, gentil filha da sr.ª D. Sofia de Magalhães Barros Baião e do sr. dr. António Baião, ilustre director da Torre do Tombo, com o distincto clínico, delegado de saude em Silves, sr. dr. António Marreiros Leite, filho da sr.ª D. Catarina Amália Mascarenhas Leite e do sr. António Santana Leite, tendo servido de padrinhos por parte da noiva seus pais e por parte do noivo a sr.ª D. Maria do Carmo Leite Serrão Marreiros e o distinto advogado sr. dr. José Paulo Barbosa Serrão Marreiros.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos depois para Sintra, onde fôram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Realizou-se na paroquial de S. Jorge, em Arroios, o casamento da sr.ª D. Nair da Conceição Tavares Salgueiro, gentil filha da sr.ª D. Inácia da Conceição Tavares Salgueiro e do sr José Fernandes Salgueiro, com o sr. António da Silva Iglezias Tavares, filho da sr.ª D. Alice da Silva Iglezias Tavares e do sr. José Simões Tavares, tendo servido de padrinhos, por parte da noiva, sua avó a sr.ª D. Guilhermina da Conceição Tavares e seu tio o sr. João da Silva Tavares, inspirado poeta, e por parte do noivo, o sr. Conselheiro Abel de Andrade e esposa.

Finda a cerimonia foi servido na elegante reridência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísicas prendas.

— Na paroquial de S. Mamede, realizou-se o casamento da sr.ª D. Palmira da Silva Loureiro, interessante filha da sr.ª D. Beatriz Augusta da Silva Loureiro e do sr. Apolinário Martins Loureiro, com o sr. Carlos Silva da Costa Lima, distinto professor do Instituto Superior Técnico, filho da sr.ª D. Olimpia das Dores Silva Lima, já falecida e do sr. José Lino da Costa Lima, secretário do conselho de Administração do Banco de Portugal, tendo servido de padrinhos por parte da noiva seus pais e por parte do noivo a sr.ª D. Maria Candida Gavião Súpico e seu pai.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para o estrangeiro, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Com a maior intimidade, realizou-se na paroquial de Santa Isabel, o casamento da sr.ª D. Alice Leitão Lima, gentil filha da sr.ª D. Albertina Candida Monteiro Leitão Lima e do sr. António Mendes Lima, com o sr. Arnaldo Pimenta de Castro, filho da sr.ª D. Francisca Pimenta de Castro e do sr. Dr. Pimenta e Castro, já falecido, tendo servido de padrinhos os pais da noiva.

— Presidido pelo reverendo prior da freguesia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, realizou-se na paroquial do Santo Condestável, o casamento da sr.ª D Maria da Glória Ferreira de Campos, interessante filha da sr.ª D. Natalina Ferreira de Campos e do sr. Salomão Augusto de Campos, com o sr. Estevão José da Costa Pinto filho da sr.ª D. Maria Júlia Costa Pinto e do sr. José Estevão Pinto.

Foram madrinhas as sr.ªs D. Ema dos Reis Farinha Sena dos Santos e D. Maria Luiza Costa Pinto e padrinhos os srs. Ricardo José dos Santos e Mário Estevão Costa Pinto.

Finda a cerimónia, durante a qual foram executados vários trechos de música sácra, foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para o norte do país, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Na Basilica da Estrêla, realizou-se o casamento da sr.ª D. Matilde de Brito Dias, com o sr. José Leopoldo Madeira Araujo, funcionário da Caixa Geral dos Depósitos, de Crédito e Previdência, servindo de padrinhos por parte da noiva, sua tia a sr.ª D. Maria da Assunção Alves de Brito Valentim e o sr. Francisco Teixeira Capelo e por parte do noivo a sr.ª D. Atalie Aline Gras Reina Catavira Araujo e o sr. Jaime Eduardo Madeira Araujo.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Na capela do palácio dos srs. condes da Foz, em Algés, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria José Ferreira da Silva, gentil filha da sr.ª D. Carlota Ferreira da Silva e do sr. Joaquim José Ferreira da Silva, já falecido, com o sr. Rafael da Silva Sant'Ana, filho da sr.ª D. Engrácia Ferreira da Silva Sant'Ana e do sr. Augusto Júlio Sant'Ana.

Foram madrinhas a sr.ª D. Ema Sampaio e a mãi do noivo e padrinhos os srs. Vítor Hugo Ferreira da Silva e Henrique de Sant'Ana, do Porto.

Presidiu ao acto o reverendo Patuleia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da mãi da noiva, ao Dafundo, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», seguindo os noivos depois para o Palace do Bussaco, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Na paroquial das Mercês, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Emília Baeta Ferreira, gentil filha da sr.ª D. Palmira da Conceição Rodrigues Baeta Ferreira e do sr. João dos Santos Ferreira, com o sr. Alvaro Mendonça Duarte Pedro, filho da sr.ª D. Aurora Mendonça Duarte Pedro e do sr. António Fernandes Pedro.

Serviram de madrinhas a mãi da noiva e a sr.ª D. Maria José Veiga Simões e de padrinhos o pai da noiva e o sr. conde de Penalva d'Alva.

Ao acto presidiu o prior das Mercês, reverendo dr. Marques dos Santos, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», partindo os noivos depois para a Ericeira, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Em capela armada na elegante residência da sr.ª D. Prudencia Muñoz Peña e do sr. Venancio Muñoz Bris, realizou-se o casamento de sua interessante filha D. Maria del Carmen, com o sr. Adelino António Prieto de Almeida, filho da sr.ª D. Flora Leonor Mateus de Almeida e do sr. Adelino António de Almeida, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos, seguindo estes depois do lanche para o norte do país onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Na paroquial dos Anjos, realizou-se o casamento da sr.ª D. Fernanda Ermelinda Fernandes, interessante filha da sr.ª D. Felismina Amélia da Cruz Fernandes, e do sr. Francisco dos Reis Fernandes, já falecido, com o sr. Viriato Alberto da Silva, filho da sr.ª D. Albertina da Silva e do sr. António da Silva.

Serviram de madrinhas as sr.ªs D. Irene Rolim Ladeira Fernandes, cunhada da noiva e D. Joana Rocha tia do noivo e de padrinhos os srs. Alvaro Luís Fernandes, irmão da noiva e José Rocha, tio do noivo.

Presidiu ao acto o reverendo prior da freguesia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da mãi da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso na Casa de Saúde das Amoreiras, a sr.ª D. Helena de Mascarenhas Gentil Quina, esposa do distinto cirurgião sr. Dr. Mário Quina e filha do ilustre professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, sr. Dr. Francisco Gentil.

Mãi e filho encontram-se felizmente bem.

— A sr.ª D. Maria Carlota de Somer Pereira Salgado, esposa do sr. José Manuel de Roma Machado Cardoso Salgado, teve o seu bom sucesso.

Mãi e filho estão de perfeita saúde.

— Na sua casa da Aldeia Nova, no Fundão, Beira Baixa, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria Emília Gomes de Miranda da Câmara e Vasconcelos (Alvaiazere).

Mãi e filho encontram-se bem.

D. Nuno.

A sr.ª D. Amélia Adelaide da Costa Barata, e o sr. António Gonçalves Barata Lopes Galvão, por ocasião ao seu casamento, realizado na paroquial dos Anjos

Ao ver amontoarem-se as nuvens negras no seu ceu, e ao sentir iminentes para o seu povo os horrores duma invasão estrangeira, a rainha da Abissínia, teve um gesto enternecedor: escreveu uma carta de apêlo ao coração das mulheres do Mundo, pedindo-lhes que intercedessem pela paz, que poupassem ao seu pobre povo os horrores da carnificina, do saque e da pilhagem, que é sempre uma invasão.

Apesar da sua cultura europeia, é ainda muito ingénua a negra rainha, que tão aferoradamente, defende os interesses do seu país. Não há mulher em país nenhum que deseje a guerra. Seria inconcebivel, que a mulher feita para dar a vida desejasse a morte, desejasse a guerra com todos os seus horrores, o seu séquito de desgraças. A morte, a fome, e a peste que invariavelmente aparecem depois da guerra. O patriotismo feminino não leva nunca a mulher para a conquista.

Deseja o bem estar do seu país, o seu engrandecimento, mas no bem estar da paz e nunca na barafunda que traz a guerra, mesmo ao vencedor, essa barafunda e êsse triunfo, sempre salpicados de sangue e ensombrados de lutos.

As muitas mulheres que se ocupam de politica hoje em dia, são em geral pacíficas, trabalham para a paz, sacrificam-se pela paz. Anceiam por tudo o que possa dar a felicidade aos seus filhos, que elas criaram com tantas dores e sacrifícios.

A mulher é, e deve ser pacifista. Mas nada lucra com isso e todos os seus esforços pela paz, pelo bem, pela harmonia, que é o que permite aos países engrandecer, aumentar a sua riqueza, pela agricultura, pelo comércio, pela indústria, que são a sua verdadeira força, desaparecem perante a ambição e a loucura dum homem, que, podem dum momento para o outro lançar um país na mais cruel das guerras.

É enternecedora a carta da rainha da Abissínia às mulheres do Mundo, mas parece, que esta rainha não conhece os homens, ou são então os etiopes bem diferentes dos europeus, se as lágrimas e os rogos das mulheres os podem de mover dos seus instintos bélicos, das suas ambições.

Se assim é, temos de felicitar os abexins, que dão assim o mais belo exemplo aos europeus.

O homem da Europa seja êle Bismark, Guilherme da Prússia, ou Mussolini, têm pelas lágrimas, pelos rogos das mulheres a mais completa indiferença.

Talvez que com êsses rogos, com essas lágrimas êles sintam mais arreigada a sua ambição de poderio, o seu desejo de conquista, e em vez de se sentirem apiedados, sintam com mais violência o desejo de matar, incendiar, conquistar.

Embora êsse desejo lhes custe muita vez uma derrota sangrenta, a perda da melhoria dos homens do seu país, uma queda atroz que os espera talvez no fim da sua trágica aventura.

Mas que importa? O que se não dirá, é que um homem enérgico ouviu os sensatos conselhos das mulheres do seu país, atendeu às lágrimas amargas das mães, das esposas, das filhas, que vem partir para o sacrifício aqueles que são o amparo da sua vida, a afeição das suas almas.

Mas foi sempre assim e assim será sempre. A mulher pela sua constituição, pela sensibilidade da sua alma, pela afectividade do seu sentir é pacifista.

O homem pela sua ambição, pelo seu desprendimento de afectos é guerreiro, a conquista é o seu fim, o mando o seu desejo.

E portanto se tôdas as mulheres, se sentiram como não póde deixar de ser ser infinitamente comovidas com o apêlo da dolorosa rainha da Abissínia, a sua comoção, a sua piedade de nada servirão.

Os homens têm a maior indiferença pelo sentir da mulher, que acham piégas.

Maria de Eça.

A Moda

APARECERAM já os primeiros modelos do outono, que para nós podem servir até aos primeiros meses de inverno tão prolongado e suave é o nosso outono.

Os primeiros abafos surgiram cheios de graça e novidade. Abafos em pano, em pele, em veludo, mas todos êles com uma linha diferente do ano passado. A moda mudou e as mulheres já não temem as longas capas, que verdade seja dita engrossam bastante, a «silhouette». Nas peles também se nota a modificação.

Já não é a raposa o agasalho preferido para os meses de outono, mas sim variadas confecções de peles que têm o encanto do que aparece pela primeira vez.

O que há para notar é a grande tendência para a mulher se apresentar com todo o seu encanto feminino. Decididamente a mulher, masculisada no traje e nas modas só se admite, para as voltas da manhã e para o desporto.

Com isso só tem a ganhar a mulher, que é bem mais interessante no seu natural ambiente de feminilidade e enfeites.

Damos hoje alguns modelos que já poderão orientar as nossas leitoras, na escolha das suas «toilettes» e abafos de outono.

Não esquecemos as noivas que sempre se fazem lembrar na ância bem natural de deslumbrar o público no dia do seu casamento. Tôdas as raparigas sonham estar verdadeiramente belas, nesse dia em que vão mudar de existência e realizar o seu sonho de felicidade.

Não pode haver modêlo mais bonito do que esta original criação de «Swan and Edgard». Tem qualquer coisa da Edade Média na sua linha distinta e recolhida. O corpo muito justo é abotoado atrás com uma fileira de pérolas, que se harmonisam lindamente, com a «moirée» côr de pérola de que é feito o vestido.

A gola dum lindo efeito é fechada adiante por um alfinete em filigrana de prata e pérolas dum efeito da maior novidade. As mangas perdidas, forradas de setim acentuam o estilo do vestido.

Uma corôa de prata e pérolas segura o veu em tule muito fino que se estende sobre a cauda em montes de tule.

O ramo é em ervilhacas brancas, perfumadas e belas na sua deslumbrante alvura.

Um lindo modelo para «toilette» simples, é êste vestido, em «tweed» dum irrepreensivel córte. Sobre o casaco que é da maior elegância póde abotoar-se a capa, que se usa ou não, segundo o frio que faz e para o uso que se lhe dá.

Completa a «toilette» um gracioso feltro castanho muito simples.

Como abafo de peles têm as nossas leitoras um lindo modelo em «bison» da maior novidade e que assenta lindamente sobre a «toilette» em setim preto e setim branco, em género túnica russa. É muito gracioso o pequeno chapeu em feltro e veludo, guarnecido por uma aplicação em pedraria. As luvas em pelica preta são também muito bonitas e modernas.

Como não é razão, lá porque chove, que a mulher se não apresente «coquette», têm aparecido «waterproofs» da maior novidade e muito bonitos. O modelo que damos com o seu xadrez vermelho e pérola sobre o tom muito cinzento é muito bonito e gracioso; completa-o uma boina preta e luvas da mesma côr.

Higiene e beleza

PARA se obter uma boa pele e ter um ar de frescura, não há como manter no melhor estado, o funcionamento do aparelho digestivo e intestinos. Para isso é necessário o maior cuidado com a alimentação.

Não carregar muito o estômago, não abusar das carnes, e não fazer misturas de peixe e carne na mesma refeição.

Uma das melhores coisas é o sumo de frutas, precioso para o organismo, pelas vitaminas que contem.

O sumo de laranjas e limão e agora nesta época em que o nosso país de norte a sul, está cheio das melhores uvas do mundo, é aproveitar para tomar a maior quantidade possivel de sumo de uvas.

Há até um aparelho próprio para as esmagar e nada pode haver de melhor como

PÁGINAS FEMININAS

reconstituinte sendo ao mesmo tempo ótimo para a beleza pois é do melhor resultado para a saúde da pele.

Receitas de cosinha

Timbales de carne: — A carne que fica da copa aproveita-se para êste ótimo prato, picando-a miudamente ou passando-a na máquina, juntando-lhe chouriço e toucinho.

Há quem prefira a meia lua à máquina: fica essa escolha à disposição de cada uma das nossas leitoras, segundo o seu gôsto.

Depois de bem picada; mistura-se um miolo de pão de fôrma, molhado em leite e escorrido, uma colher de manteiga, quatro gemas de ovos, queijo, parmesão ralado, sal e pimenta um pósinho de pimenta de Cayena, para quem gostar, mistura-se tudo bem e juntam então as claras batidas em neve. Untam-se de manteiga, umas forminhas altas e deita-se êste creme dentro. Cozem-se em banho-Maria dentro do forno.

Depois de desenformadas servem-se com um bom môlho de tomate, ou para quem preferir, com môlho branco com alcaparras.

Rins de vitela em caçarola: — Uma caçarola própria de ir ao forno, aquecem-se 30 gr. de manteiga e deitam-se lhe dois rins de vitela já temperados com sal e pimenta, depois de muito bem lavados.

Vão-se voltando até que fiquem bem assados. Ao mesmo tempo deixam-se córar na manteiga doze cebolinhas pequenas e córam-se três batatas medianas cortadas em quadrados.

Colocam-se à volta dos rins as cebolinhas e as batatas; cobrem-se e metem-se no forno durante um quarto de hora.

Logo que a caçarola se retira do lume deita-se-lhe dentro môlho de vitela ou caldo de carne e deixa-se ferver alguns instantes; guarnece-se com salsa picada e serve-se na própria caçarola em que é cosinhado que deve ser de louça especial para ir ao forno e poder ir à meza sem ser desagradável à vista.

Feministas da América

AS feministas americanas, são das mais interessantes do mundo inteiro, se é que a denominação feminista ainda tem razão de ser, numa época em que a mulher em geral, se não é feminista em teoria, é o pelo menos na prática, tal a liberdade e os direitos que hoje goza.

As feministas americanas, são muitas delas, formosas mulheres, excelentes esposas e mães, e boas donas de casa. Uma das figuras que mais se distingue nesse meio, de mulheres intelectuais e distintas, conscias do seu valor e no entanto bem mulheres, é, a de Rebecca Hourwich, que foi uma das fundadoras do Partido Nacional da Mulher, nos Estados Unidos da América.

Escritora distinta e colaboradora assídua, dos esplêndidos «magazines» da América do Norte, tem-se notabilizado em interessantes estudos da alma infantil, sendo objecto contínuo do seu estudo, sua filhinha Faith, inteligente e linda criança, que é o enlevo de sua mãi, que pelos seus escritos a tem tornado conhecida, da maioria das mulheres e crianças americanas.

A actividade literária e política que essa mulher superior tem desenvolvido, é verdadeiramente extraordinária.

Como escritora colabora semanalmente em «magazines» e jornais; como política, tem-se salientado nas reivindicações femininas, sendo por tôdas admirada, pela cordura e sensatez com que o faz.

Mas a sua vida tão activa, não a impede de ser a mais extremosa das esposas e a mais carinhosa das mães, ocupando-se pessoalmente da educação de sua filha, que nunca teve outra professora, que não fosse sua mãe.

Dona de casa incomparavel, é Rebecca Hourwich uma feminista absolutamente feminina. O seu salão é frequentado pelos mais eminentes intelectuais americanos, que têm por esta verdadeira senhora a maior admiração.

As mulheres e o serviço militar

ENTRE os preparativos militares da Itália e da Abissínia no momento que atravessamos nota-se a formação de regimentos femininos.

Isto surpreendeu muita gente, mas não é uma novidade, visto que há já alguns anos, o comissário de guerra Varoshiloff, dirigindo-se ao Congresso da União Soviética, declarou, que as mulheres, como os homens se devem submeter à preparação militar. Esta declaração foi recebida com os mais calorosos aplausos do Congresso.

E o que então nos pareceu extraordinário, prova-se agora, ser natural visto, que ao primeiro movimento sério com que se ameaçou a paz, se realisou o que todos achámos nessa época um excesso ridículo.

Na educação da mulher tem de entrar agora a par dos lavores e da música o manejo das armas. Voltamos ao tempo das amazonas e a mulher tímida e medrosa tem de desaparecer dêste mundo tão variavel.

De mulher para mulher

Graziela: — Não se precipite, em escolher nas primeiras modas que aparecem, visto, que é como diz uma mulher económica, que não faz muitos vestidos por estação. As primeiras modas não são estaveis e são dedicadas às mulheres, que querem chamar a atenção.

Violeta: — É um grande erro em que cai. Se seu marido quer que vá viajar com êle não deixe de o fazer. O seu filhinho já com tres anos, fica muito bem com a tia, muito mais sendo, como diz, uma pessoa cuidadosa. Conheço vários exemplos muito graves, por a mulher se recusar a acompanhar o marido em viagens.

Lolita: — Não acredite nisso, são palavras em que não deve crer. Oiça seus pais, que são os seus melhores conselheiros. Não conheço um único casamento contrariado pelos pais que tenha trazido felicidade.

Os pais que só desejam a felicidade dos filhos nunca se opõe, senão quando há verdadeiros motivos para isso.

Pensamentos

Há coisas que se não vêm como deve ser senão com olhos que tenham chorado.

Assim seja, assim seja. Quem póde crêr que uma frase tão curta seja tão difícil de decorar, mas com aplicações consegue-se.

Quem sofre pela justiça, sente apesar de tudo, que o faz pela causa humana e que as almas justas o acompanham.

(Louis Veuillot).

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 44

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha.

IMPRENSA

Semana das Beiras — de Lisboa. Neste semanário de feição regionalista iniciou a publicação de uma secção charadística, *Colunas de Edipo*, o confrade *Caçador*.

E' um novo elemento que surge em defesa e propaganda da nossa interessante e útil causa.

Apresenta-se com esplêndido aspecto gráfico e òptimamente colaborada. Para princípio, confessamos que é um belo *tiro* do nosso *Caçador*.

Que a pontaria continue certeira e a *caça* abunde são os nossos desejos, para que o novel director não desanime dos seus propósitos.

Almanaque Enciclopédico — de Setúbal. Dirigido pelo publicista e nosso confrade Pinto Guimarãis, saïrá no próximo mês de Novembro o *Almanaque Enciclopédico* para 1936, no seu 4.º ano de existência. Apresentará colaboração ilustrada, de ordem enciclopédica, dedicando muitas das suas páginas ao charadismo, para o que se solicita desde já de todos os confrades colaboração das espécies adoptadas, e conferindo interessantes e valiosos prémios. Tôda a colaboração charadística deverá ser enviada para a redacção de *A Charada*, rua Zófimo Pedroso, 1, Lisboa, ou para *Almanaque Enciclopédico*, Edições de Pinto Guimarãis, Beco do Socorro, Setúbal.

Como se trata de uma modalidade nova a cultivar neste *Almanaque*, é de todo o interêsse, para propaganda e desenvolvimento do charadismo, que os edipistas lusos não esqueçam a sua prestante colaboração, indicando sempre nas suas produções o nome e a morada.

Logo que seja dado à estampa, o *Almanaque Enciclopédico — que ficará a ser o único almanaque português completo em matéria de charadismo* — será remetido à cobrança a todos os charadistas, para o que se solicita o indispensável bom acolhimento.

Se as coisas se passarem conforme os propósitos do seu digno director, iremos em breve ter um sucessor do saüdoso «Almanaque Luso-Brasileiro de Lembranças» — e que assim suceda é quanto desejamos sinceramente.

CORREIO

Fernando Cruz Chaves. — Informamos sim senhor — e com muito prazer — mas é necessário para isso enviar-nos o seu enderêço para responder por carta, visto não querermos trazer êsse caso novamente a estas colunas, para evitar que alguém — e até certo ponto com razão — nos possa taxar de provocadores.

Estamos aqui *apenas* com uma missão: — *fazer charadismo* — e não para alimentar ou originar discussões, das quais, está provado — apenas resultam sensaborias e perda de tempo.

APURAMENTOS

N.º 35

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

EFONSA
N.º 21

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

EL-REI GOMOS V
N.º 22

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 18, Olegna

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 23 pontos:
Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan, Magnate, Kábula.

QUADRO DE MÉRITO

Salustiano, 20. — Rei-Luso, 20. — Só-Na-Fer, 20. — Só Lemos, 20. — Sonhador, 20. — João Tavares Pereira, 18. — Ti-Beado, 16. — Lamas & Silva, 16. — Salustiano, 14.

OUTROS DECIFRADORES

D. Dina, 10. — Lisbon Syl, 9. — Aldeão, 9

DECIFRAÇÕES

1 — Vergamota. 2 — Reboar. 3 — Tinoca. 4 — Saca-balas. 5 — Milhano. 6 — Insidioso. 7 — Cègamente. 8 — Chasco. 9 — Marlota-Marta. 10 — Meato-meto. 11 — Mofino mono. 12 — Motreco-moco. 13 — Estulto-esto. 14 — Magano-mano. 15 Agôsto-ato. 16 — Pinóia-pia. 17 — Presunto-prêto. 18 — Corriola. 19 — Chisme (XM). 20 — Late-Tejo-latejo. 21 — *Nana*. 22 — *Dever*. 23 — Sua alma, sua palma.

TRABALHOS EM PROSA

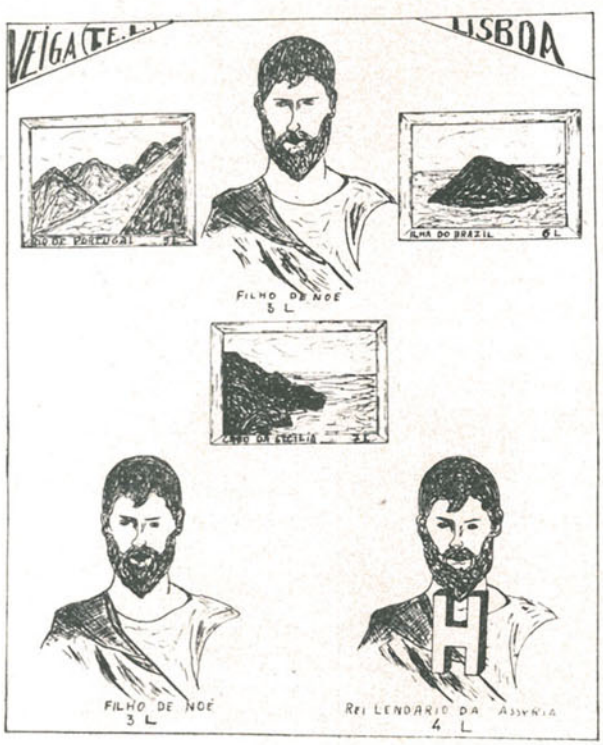
MEFISTOFÉLICAS

1) Os negócios estão maus. Das pequenas *bagatelas* que se ganham, *parte do lucro* vai todo por água abaixo. Que grande *contratempo!*... (2-2) 3.

Leiria — *Magnate*

TRABALHOS DESENHADOS

15) ENIGMA FIGURADO



2) *Amarra* ao *cepo* êsse «*empecilho*». (2-2) 3.

Tramagal — *Padre Matos*

3) Tenho uma *antiga moeda de Cambaia*, que comprei a um *rapaz* que vagueava pelas *tabernas*. (2-2) 3.

Luanda — *Ti-Beado*

NOVÍSSIMAS

4) A *choça* que está à beira do «*rio*» tem uma bela *eira*. — 2-2.

Coimbra — *John Biffe (C. C. C.)*

5) Apanhei no *rochedo* uma «*ave do Peru*» com o auxílio desta «*rêde*». — 2-2.

Leiria — *Magnate*

SINCOPADAS

6) Cada *membro do estado maior do soba* tem um *distintivo*. — 3-2.

Lisboa — *Augusbello (T. M.)*

7) O meu *cocheiro* bebe *água* em lugar de vinho, razão por que nunca se embebeda. — 3-2.

Lisboa — *Júlio César*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

8) Quem a letra — é bom notar
Que deve ser consoante —
Depressa a fôr encontrar
Em qualquer sítio abundante
Acha logo num instante
«*Cogumelo*» p'ra «papar».

Leiria — *Magnate*

NOVÍSSIMAS

9) Reluz em nossa História o feito memorável:
Aljubarrota! E assim por todos relembrado,
descansa lá no Empíreo êsse herói consagrado,
valente e piedoso: o santo condestável.

Oh! nunca essa «apagada» e mais que «vil tristeza»
— que *abate* os varonis — em nós tenha lugar; — 4
Tivemos um D. Nuno e temos Salazar,
não devemos descrer da raça portuguesa!

Merecem *compaixão* os vis polichinelos — 1
que blasfemam da Pátria em cínicos clamores?
Portugueses não são: seu nome é de traidores,
Pérfidos como foi Miguel de Vasconcelos!

Em momentos de ascese exalto-me e acarinho
Frei de Santa Maria — exemplo da humildade.
Intrépido guerreiro, em busca da Verdade,
O Eterno procurou deixando o que é *mesquinho!*

Lisboa — *Zé Nabo*

SINCOPADAS

10) Eu não sei porque *razão*
Me *inspiro* no teu olhar,
Se sei que o teu coração
E' falso não sabe amar... — 3-2.

Lisboa — *Dama Negra*

11) É tão *grande* o meu amor,
Tão sincero e tão constante,
Que me mortifica a dor
De o não tornar *importante*. — 3-2

Colares — *Maria Luiza*

12) O *valor* duma charada,
Em Lisboa ou noutra parte,
Reside apenas, mais nada,
Em ser bem feita e com *arte*. — 3-2.

Lisboa — *Moreninha*

13) Sempre que haja *mexerico*,
Há *disfarce* nesse enrêdo...
A mulher afia o bico,
Mas faz sempre isso em segrêdo. — 3-2.

Tramagal — *Padre Matos*

14) Mandei *procuração*
A um amigo meu
Para, quando voltar
Da sua digressão,
Trazer-me um *véu*. — 3-2.

Luanda — *Ti-Beado*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a Luiz Ferreira Baptista, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

O canal de Suez pode ser fechado para os navios italianos?

Fernando de Lesseps, o famoso construtor do canal de Suez

PERANTE a invasão da Abissínia pelas tropas italianas e a conseqüente aplicação de sanções pela S. D. N. a hipótese do encerramento do canal de Suez tem sido largamente ventilada.

Pode, juridicamente, tomar-se essa medida contra a Itália? A resposta é difícil e vamos expor alguns dos motivos.

Em 29 de Outubro de 1888 foi assinada em Constantinopla uma convenção entre a França, a Alemanha, a Austria, a Hungria, a Espanha, a Grã Bretanha, a Itália, os Países Baixos, a Rússia e a Turquia, relativa à situação internacional do Canal de Suez. Essa convenção preceitua no seu artigo 1.º:

«O canal marítimo do Suez estará sempre livre e aberto, em tempo de guerra como em tempo de paz, a todo o navio de comércio ou de guerra sem distinção de bandeira».

O texto é insofismável. E foi também prevista a forma de assegurar o seu cumprimento. Assim o artigo 9.º diz:

«O govêrno egípcio tomará as medidas necessárias para assegurar a execução do presente tratado. No caso de o govêrno egípcio não dispor de meios suficientes, dirigir-se-á ao govêrno imperial otomano que tomará as medidas necessárias para responder a êste apêlo e avisará as potências signatárias da declaração de Londres de 1885, com quem se entenderá em caso de necessidade.»

O govêrno otomano era aqui designado por exercer nesse tempo um protectorado teórico sôbre o Egipto. Há já seis anos, porém, que a Inglaterra tinha soldados seus nas margens do canal.

Em 1898, por ocasião da guerra hispano-americana, o Govêrno de Madrid quis enviar cruzadores às Filipinas. A passagem pelo canal foi-lhe autorizada, mas só lhe forneceram ali carvão para ir até ao ponto mais próximo, de acôrdo com os regulamentos. Em vista disso, os navios espanhois tiveram de retroceder.

Durante a guerra russo japonesa, em 1904, um navio russo atravessou o canal. Sete anos mais tarde passaram por ali os cruzadores italianos por motivo da campanha da Líbia, embora a Itália estivesse em guerra com a Turquia que continuava a exercer o seu protectorado no Egipto.

Durante a Grande Guerra, o Govêrno inglês determinou que nenhum navio inimigo poderia entrar no Canal. Em Dezembro de 1914, o gabinete londrino proclama o seu protectorado sôbre o Egipto que foi ratificado após a vitória.

Mas em 1922 o Egipto repeliu o protectorado britânico. No ano seguinte a Turquia renunciou também aos seus direitos. Só o Egipto exerce portanto soberania sôbre o Canal, embora a Inglaterra lá mantenha as suas tropas. Como o Egipto não pertence à S. D. N. o problema considera-se, portanto, insoluvel.

A Convenção de 1888 caducou. E dêste modo, o canal de Suez é, no domínio jurídico, uma espécie de «terra de ninguem».

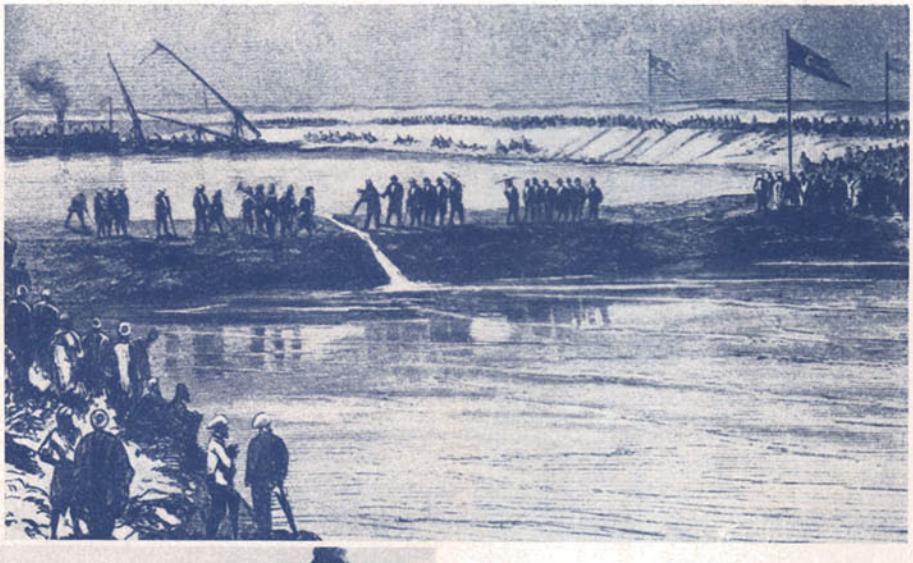
Surgiu assim a idea dos administradores da Companhia do Canal, em que a Inglaterra tem a maioria, votarem o seu encerramento temporário, como medida preventiva para evitar os riscos de guerra.

Esta fórmula não é de facil execução sem o assentimento da França, que ocupa tambem lugar importante na administração da Companhia.

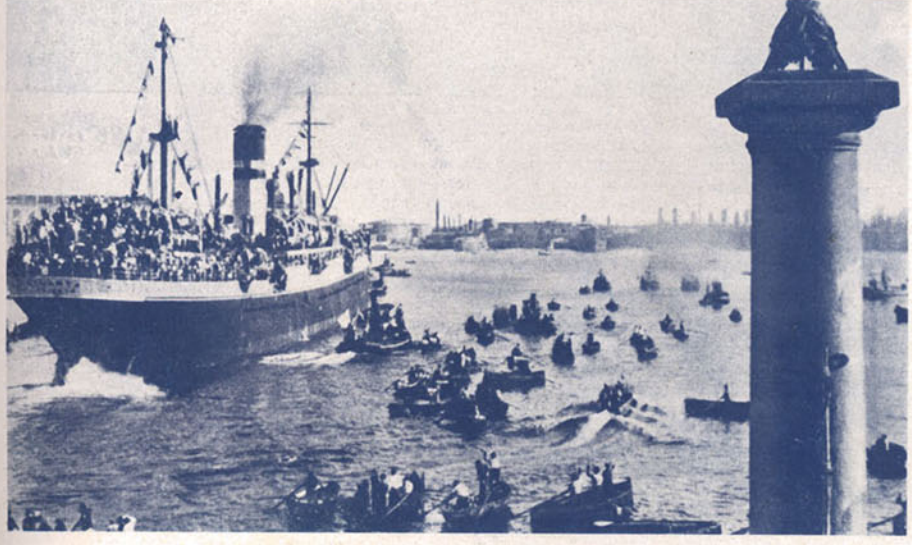
Sugeriu-se tambem a elevação das taxas de passagem pelo canal, o que aumentaria mais ainda as dificuldades financeiras com que a Itália luta.

Não é fácil dizer por qual das soluções se optará. Não só o aspecto jurídico do problema é complexo, como a sua resolução comporta graves perigos para a paz mundial. O encerramento do canal poderia ser considerado acto de guerra e dar lugar às mais graves complicações. É de prever, portanto, que só em última extremidade seja aplicado.

Tal é a situação do delicado problema, de cuja resolução pode resultar o fim da guerra na Africa.

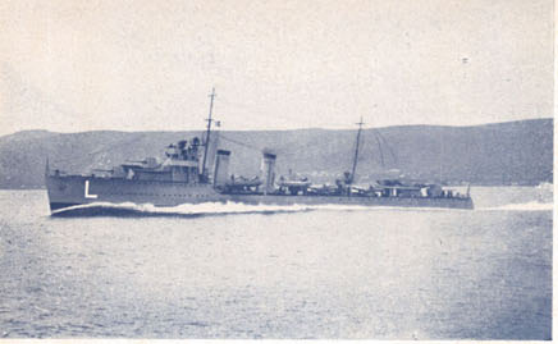


A' direita: *Uma gravura da epoca representando a inauguração do canal.* Em baixo: *Um transporte de tropas italianas atravessando o Suez a caminho de Africa. As pequenas embarcações que o cercam são de italianos residentes no Egipto que lhe fazem uma entusiastica manifestação*



Os novos navios da nossa Armada

Dois avisos de 1.ª classe, quatro de 2.ª, cinco contra-torpedeiros e três submersíveis



O «Lima», construído nos estaleiros Yarrow

«Afonso de Albuquerque», aviso de 1.ª classe

«A Armada começa a renovar-se nos mesmos anos em que o País colher todo o Pão para comer.

Não há, senhores Oficiais e valentes marinheiros, que esconder a face, mas erguer altivamente o rosto; é uma Pátria renascida que vós representais, cercada de prestígio que lhe grangearam o seu esfôrço próprio e os seus processos de governar. Já me não custa agora a mim falar na alta estirpe dos marinheiros portugueses porque sinto fortes os vossos ombros para levar a sua pesada herança.»

Estas palavras proferiu-as o Dr. Oliveira Salazar em 1 de Abril de 1933, a bordo do aviso Gonçalo Velho, à sua chegada a Lisboa, como guarda avançada da nossa nova esquadra cujo programa fôra elaborado em 1930 pelo Almirante Magalhães Correia, então ministro da Marinha.

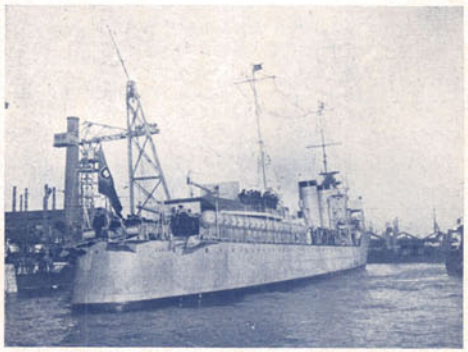
Vão, portanto, passados cinco anos e êste curto lapso de tempo bastou para que a primeira parte dêsse programa se possa considerar executada, sulcando já os mares as suas novas unidades, navios modernos, dos melhores nas respectivas classes e dotados do mais recente apetrechamento, transitando-se assim da situação angustiosa em que se encontrava a nossa Armada, com grave desprestígio da Nação, a uma nova era florescente que os nossos bravos marinheiros bem merecem.

O interesse que mereceu ao Estado êste problema, abordando a sua solução logo que as circunstâncias financeiras tho permitiram, dá-nos fundadas esperanças que se prossiga no caminho tão brilhantemente encetado até que a nossa Marinha de Guerra ocupe o lugar que legitimamente lhe compete e possa desempenhar, a Bem da Nação, o papel que lhe cabe.

A construção dos navios já concluídos, confiada às mais reputadas casas da especialidade, correspondeu em absoluto à confiança que estas inspiraram, como sobejamente se comprovou nas rigorosas experiências a que se sujeitaram e nos árduos serviços que alguns dêles têm já prestado.

Especial referência cabe aqui à colaboração, que se revelou bem valiosa, de muitas centenas de operários portugueses na construção de vários dos contra-torpedeiros, o que se tornou exequível graças às instalações da Rocha do Conde de Óbidos, propriedade da Administração do Pôrto de Lisboa, arrendadas de há muito à Sociedade de Construções e Reparações Navais.

Além de se ter assegurado por algum tempo a manutenção de muitas famílias, tanto para atender nas circunstâncias actuais, teve ainda a grande vantagem de os especializar na construção de vasos de guerra. Pena é que, terminados agora os trabalhos, os operários dispensados dispersem, vendo-se assim forçados a empregar a sua actividade em diferentes modalidades, o que tornará necessário, quando se iniciarem novas construções desta especialidade, voltar a adextrar outros núcleos de operários.



O «Lido», construído na Sociedade de Construções e Reparações Navais

lhar-se, de ter iniciado a construção de navios em ferro e agora, com o grande impulso dado pela execução do programa naval em plena marcha, surge com todo o fulgor a indústria particular aproveitando, com o maior acerto e o melhor exito, as instalações nacionais e a mão de obra portuguesa. Foi a Sociedade de Construções e Reparações Navais que se abalançou temerariamente a êste empreendimento, realizando uma obra que representa um alto valor na economia nacional.

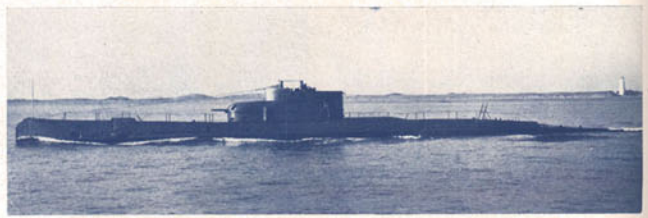
Encomendados primitivamente pela casa Yarrow, adjudicatária da construção dos contra-torpedeiros, dois dêstes barcos, imediatamente se iniciou a preparação das carreiras de lançamento que haviam sido construídas após a guerra sem que se tivessem utilisado. De França vieram traçadores especialisados nos novos métodos de traçagem e vários operários portugueses foram para Inglaterra fazer o conveniente estágio.

Importaram-se máquinas, montaram-se fornos, instalou-se uma importante oficina de galvanisação e à medida que a construção progredia o pessoal operario que contava, mantido a custo, quinhentos obreiros, aumentava progressivamente até atingir a cifra elevada de mil e oitocentos.

Da inteligente conjunção dêstes esforços resultou que, pela primeira vez no nosso País se construiram cinco importantes vasos de guerra, os contra-torpedeiros «Douro», «Tejo», e «Dão» e os que substituiam os dois primeiros cedidos num momento de feliz inspiração, à Columbia, proporcionando-se assim aos nossos operarios mais alguns meses de trabalho.

A Sociedade de Construções e Reparações Navais tem construido vários vapores de que se destacam os barcos a motor «Flecha» e «Zagaia», ambos de 25 metros de comprimento, 5,5 de bôca, com a lotação de 329 passageiros e o Ferry-Boat «Almadense» para transporte de passageiros e viaturas entre as duas margens do rio, com 39,50 metros de comprimento, 8,03 de bôca, 292,622 toneladas de carga total e capacidade para 300 passageiros sentados e 16 automóveis. Está um outro igual atualmente em construção devendo ficar concluido em Abril próximo.

Para a realisação dêstes objectivos, cujo alcance escusado se torna encarecer, muito tem contribuido a inteligente e incansavel acção do director da Sociedade, engenheiro Maurice Tabar, de nacionalidade francesa, mas residindo entre nós há vinte e cinco anos, a cuja perseverança, tenacidade e largo espírito de iniciativa as construções entre nós devem as suas actuais possibilidades, campo aberto para a construção ou reparação, por mais importante que seja, de barcos de guerra, mercantes ou de pesca.



O submersível «Golfinho»

OS NOVOS CONTRA-TORPEDEIROS

A casa Yarrow, com importantes estaleiros em Glasgow, desempenhou um papel primacial na execução do programa naval português, confirmando uma vez mais o justificado prestigio de que há muito gosa e que a colocou à frente dos mais categorisados construtores de navios do mundo inteiro. Coube a esta firma a parte referente aos contra-torpedeiros, dois construidos na sua sede, o «Lima» e o «Vouga» e cinco em Lisboa, o «Tejo», o «Douro» e o «Dão» e os que substituiram os dois primeiros cedidos, como se sabe, à Colombia. Estes barcos, que têm prestado as melhores provas, como o «Tejo» que ainda há dias foi solenemente entregue ao Estado são do mesmo tipo, considerados dos melhores, a dentro da sua classe, deslocando 1.640 toneladas, com 98,448 metros de comprimento e 9,469 de boca e atingindo velocidade máxima superior a 36 milhas.

Vista aérea dos estaleiros Yarrow em Glasgow

Dispõe cada um dêles de 4 canhões de 120 m/m, 4 peças anti-aéreas de 48 m/m, dois lança bombas e 8 tubos lança torpedos, de 530 m/m, em dois grupos de 4, e 40 minas contra submarinos.

A casa a que nos vimos referindo, que foi fundada por Sir Alfred Yarrow, actualmente fornecedora do Real Almirantado, o que só por si lhe dá especial e elevada categoria, mantem com o nosso País relações que datam de há mais de cincoenta anos. Tendo-se celebrisado na construção de caldeiras de vapor, hoje universalmente apreciadas, foi sempre um dos nossos mais importantes fornecedores nesta especialidade, distinguindo-se ainda na construção de canhoneiras coloniais e outros barcos de pequeno calado e fundo chato.

Das vastas instalações de Glasgow, de que inserimos em fotogravura um dos seus mais interessantes e elucidativos aspectos, dotadas do mais completo e moderno apetrechamento, têm saído muitos navios de guerra e de comércio que hoje atravessam todos os mares ostentando as bandeiras de varios países do Velho e Novo Mundo.

Os estaleiros da casa Yarrow, representada em Portugal pela firma E. Pinto Basto & C.ª, L.da, podem legitimamente orgulhar-se de constituirem um solido esteio da sempre progressiva indústria britânica.

OS SUBMERSÍVEIS

Três fôram as unidades desta classe adquiridas, o «Golfinho», o «Espadarte» e o «Delfim», do mais recente modêlo, e tão recente que o último navio de guerra do Almirantado Inglês, desta categoria, lançado ao mar ainda há bem poucos dias, é absolutamente igual àqueles. Deslocando 900 toneladas à superfície e 1.105 em imersão, medem 75 metros de comprimento e 7 de largura e dispõem de um canhão de 100 m/m duas peças de metralhadoras anti-aérias de 40 m/m, seis tubos lança-torpêdos e depósito para mais doze torpêdos. A sua velocidade atinge 17 milhas à superfície e 8 em imersão, permitindo-lhes percorrer, sem escala, mais de 2 000 milhas.

A construção dêstes barcos foi adjudicada à casa Vickers Armstrong, possuidora dos maiores estaleiros britânicos, instalados em Barrow-in-Furness e New-Castle-on-Tyne, de onde tem saído os mais potentes vasos de guerra, como os grandes couraçados «Nelson» e «Rodney».

Especialmente também na construção de navios porta-aviões, tendo saído das suas vastas carreiras os mais importantes desta classe e tornou-se a primeira na construção de submarinos em que atingiu tal perfeição que é actualmente a principal fornecedora do mundo inteiro.

São universalmente conhecidas as possibilidades dêstes construtores no que diz respeito a armamento de que se destacam a artilharia, dos menores aos maiores calibres, de campanha, de montanha e anti-aérea e as metralhadoras. Na aviação também marcou já o seu logar de destaque, tanto no campo militar como no comercial, como o constata o facto de ter sido construido na Vickers o avião de uso pessoal do Principe de Gales.

O ramo de Engenharia Civil tem-lhe merecido iguais cuidados, achando-se habilitada a executar os mais completos maquinismos destinados a várias indústrias.

Para se fazer uma ideia do alto valor que representam as suas instalações basta dizer que o número de operarios que ali exercem a sua actividade se eleva a vinte mil, o que representa a população de uma pequena cidade.

A casa Vickers Armstrong que conta o nosso País como um dos seus mais fieis clientes, é representada entre nós pela Armament Agency, com séde em Lisboa, na Rua dos Fanqueiros, 12.

«Pedro Nunes», aviso de 2.ª classe construído no Arsenal da Marinha

OS AVISOS DE 1.ª e 2.ª CLASSE

Como avisos de 1.ª classe figuram o «Afonso de Albuquerque» e o «Bartolomeu Dias» e de 2.ª o «Gonçalo Velho», o «Gonçalves Zarco», estes construidos nos estaleiros de Hawtorn Leslie, de New-Castle e ainda o «Pedro Nunes» e o «Infante D. Henrique», ambos construidos no nosso Arsenal da Marinha, aquêle já em serviço e êste em vias de acabamento.

O «Afonso de Albuquerque», como o «Bartolomeu Dias», têm 103,17 metros de comprimento e 13 de bôca, desloca 2.420 toneladas, atingindo a velocidade normal de 21 nós e dispõe de 4 peças de 120,5 m/m, 2 anti-aéreas de 76 m/m, 4 metralhadoras também anti-aéreas de 40 m/m, 2 lança-bombas, 40 minas, 4 metralhadoras de 7.7 e um hidro-avião.

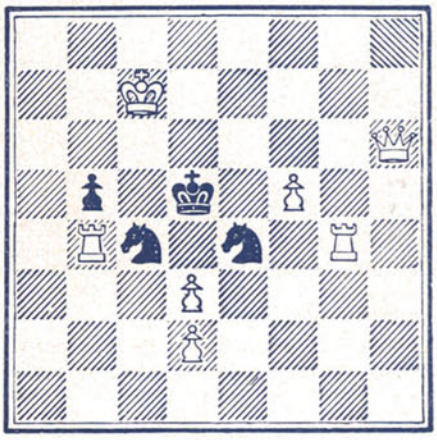
Dos avisos de 2.ª classe iniciou-se a construção do «Pedro Nunes» em Maio de 1933, sendo lançado ao mar, com toda a solenidade, em 17 de Maio de 1934. Dispõe de duas peças anti-aéreas de 76 m/m, duas peças de 120 m/m, 4 metralhadoras, também anti-aéreas de 40 m/m, um lança-minas e dois lança-bombas de profundidade contra submarinos.

O «Tejo» ao ser incorporado na Armada içou a bandeira nacional

Xadrez

(Problema por K. Bayer)

Brancas 7 Pretas 4



Jogam as brancas e dão mate em dois lances.

Os sêlos das cartas

A maneira de colocar os sêlos nas cartas também tem a sua significação especial, que é a seguinte:

O sêlo colocado com a cabeça para baixo e mesmo no centro do envelope significa: esperança.

Com a cabeça para cima e colado no ângulo superior da direita: indiferença.

Com a cabeça para baixo, colado no ângulo superior da direita: uma afeição muito viva.

Horisontalmente, com a cabeça para o lado do ângulo superior direito: amor.

Horisontalmente, com a cabeça para o lado do ângulo superior esquerdo: desdem.

De través, com a cabeça para o ângulo inferior da direita: desavença.

Bridge

(Problema)

Espadas — 4
Copas — A., V., 7.
Ouros — — — —.
Paus — 8, 7, 6.

Espadas — 9, 8.	**N**	Espadas — D., V., 10.
Copas — — — —.	**O E**	Copas — 8.
Ouros — 10, 9, 8, 7.		Ouros — 3.
Paus — 4.	**S**	Paus — D., V.

Espadas — R., 6, 5.
Copas — 10.
Ouros — R., D., 6.
Paus — — — —.

Trunfo é copas. *S* joga e faz tôdas as vasas.

(Solução do número anterior)

S joga trunfo e *N* cobre conforme o que *O* jogar. *N* joga o Az de ouros e *S* balda-se aos paus. *N* joga paus, *S* corta e joga o seu último trunfo; *N* cobre e volta a copas para apanhar o último trunfo de *E*. Nessa última vasa de trunfo *O* deve baldar-se a uma carta e jogue êle o que jogar, *N* e *S* fazem as restantes vasas.

A casaca que Carlos XII vestia na batalha de Pittowa, e foi conservada por um dos seus ajudantes, vendeu-se pela fabulosa quantia de cem mil escudos.

A gravura ao buril começou a praticar-se pelo ano de 1460, atribuindo-se a sua descoberta a um ourives florentino chamado Maso Feniguerra.

PIM DE PESTA

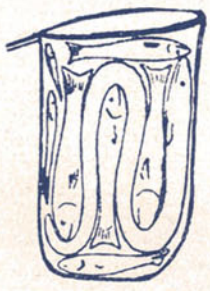
Os oito «oitos»

(Problema)

Serão capazes de escrever oito vezes o algarismo 8, e dispô-los de forma que todos somados deem 1 000?

Boa pesca

(Solução do número anterior)



A gravura indica a maneira como se devem colocar os peixes para caberem no camaroeiro.

O mistério dum relógio

O relógio da tôrre da Câmara dos Lords, em Londres, só uma vez se desarranjou: no momento de morrer o rei Guilherme IV. Esteve parado durante todo o tempo em que o corpo do rei se conservou na câmara ardente e tornou de novo a andar, sem que lhe fizessem nenhum concêrto, nem lhe tocassem, logo que o régio cadáver ficou depositado.

A Carta Gerat do Orbe, existente no Real Instituto de Belas Artes de Florença, é obra notável do geógrafo português Bartolomeu Velho, que a acabou em 1562, tendo sido encomendada por D. João III.

O «pijama»

A origem do «pijama» é correntemente atribuida a uma expressão japonesa: a palavra pertence, porém, ao vocabulário hindú, no qual designa uma calça larga usada pelas mulheres hindús da religião musulmana. Assim, o «pijama», que representava um vestuário um tanto audacioso, quando apareceu adoptado nas estações estivais da Europa, era, desde séculos, um acessório da indumentária feminina nas Indias.

O cérebro receptor

Um jovem engenheiro polaco, de nome Romann, possue, ao que parece, um cérebro dotado duma aptidão extraordinária; funcionava tal e qual como um aparelho de T. S. F.

Conhece dias de grande agitação, este moço engenheiro; o seu cérebro está em perpetua efervescência porque regista tanto as ondas longas como as médias e as curtas e durante todo o dia se produz um número respeitável de emissões. Não têm faltado os incrèdulos. Para os confundir, Romann consentiu que o fechassem num quarto completamente vasio, todo o tempo que durou uma emissão, a qual êle relatou em seguida, pormenorisadamente, mencionando tôdas as conferências, audições musicais e informações da última hora. A experiência repetiu-se várias vezes com igual exito.

O tesouro de Monte Cristo

A história contada por alguns pescadores da Córsega que regressaram há pouco da ilha de Monte-Cristo, despertou em Roma o interesse que numerosos leitores do romance de Dumas ligavam à lenda dos tesouros escondidos.

Os pescadores que, ao sobrevir uma tempestade, se tinham refugiado na margem da ilha, encontraram junto das ruínas dum antigo farol, moedas de oiro do século VIII. Este achado não é, ao que parece, o primeiro e faz crer na autenticidade da lenda de Monte-Cristo. As pesquizas para a descoberta do tesouro já têem sido iniciadas por mais duma vez e depois do recente achado dos pescadores corsos é provável que alguma expedição vá à ilha de Monte-Cristo para tentar descobrir os tesouros escondidos de que Dumas falou e que, segundo a crença popular, estão enterrados na ilha.

Vendilhão experimentado (oferecendo óculos escuros a um sujeito de aparência tímida): — Aqui tem, cavalheiro! Uns óculosinhos escuros e muito baratos! (De «*London Opinion*»).

Biblioteca de Instrução Profissional

LIVROS DE CONSULTA E INSTRUÇÃO

OBRAS DE RECONHECIDO VALOR

ELEMENTOS GERAIS

Álgebra Elementar, pelo prof. Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 296 pág..... 13$00

Aritmética Prática, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 384 págs. ..... 13$00

Desenho Linear Geométrico, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 192 págs., com 292 grav..... 12$00

Elementos de História da Arte, pelo prof. João Ribeiro Cristino da Silva — 1 vol. de 709 págs., com 641 grav. ..... 25$00

Elementos de Mecânica, pelo prof. Eugénio Estanislau de Barros — 1 vol. de 230 págs., com 141 grav. ..... 12$00

Elementos de Metarlugia, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 424 págs., com 121 grav..... 20$00

Elementos de Modelação de ornato e figura, pelo prof. Joseph Füller — 1 vol. de 150 págs , com 69 grav. e 30 est.. 12$00

Elementos de Projecções, por João António Piloto — 1 vol. de 405 págs., com 351 grav..... 18$00

Elementos de Química, pela Direcção da Biblioteca de Instrucção Profissional — 1 vol. de 330 págs., com 73 grav. ..... 15$00

Escrituração Comercial e Industrial, pelo prof. Severiano Ivens Ferraz — 1 vol. de 188 págs..... 12$00

Física Elementar, pelo prof. Mário Valdez Bandeira — 1 vol. de 304 págs., com 241 grav..... 15$00

Geometria Plana e no Espaço, pelo prof. A. Cunha Rosa — 1 vol. de 290 págs., com 273 grav..... 15$00

O Livro de Português, pelo prof. António Baião — 1 vol. de 220 págs..... 12$00

MECÂNICA

Desenho de Máquinas, pelo prof. Tomaz Bordallo Pinheiro — 1 vol. de 336 págs., 283 fig. e 91 est. ..... 30$00

Material Agrícola, por H. Francem da Silveira — 1 vol. de 270 págs., com 208 gravuras ..... 15$00

Nomenclatura de Caldeiras e Máquinas de Vapor, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 280 págs., com 423 grav. ..... 15$00

Problemas de Máquinas, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 400 págs., com 170 grav..... 18$00

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos das Construções, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 volume de 356 págs., com 168 grav. 17$00

Alvenaria e Cantaria, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 288 págs., com 337 grav..... 15$00

Cimento Armado, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 632 págs., com 351 grav..... 25$00

Edificações, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 260 págs., com 191 gravuras ..... 15$00

Encanamentos e Salubridade das habitações, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 300 págs., com 157 gravuras..... 15$00

Materiais de Construção, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 564 págs., com 300 grav. ..... 30$00

Terraplenagens e Alicerces, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 230 págs., com 230 grav. ..... 15$00

Trabalhos de Carpintaria Civil, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 400 págs., com 448 grav..... 20$00

Trabalhos de Serralharia Civil, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 360 págs., com 442 grav.... 18$00

CONSTRUÇÃO NAVAL

Construção Naval, IV volume (Construção de navios de ferro) pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 148 págs., com 298 grav., formato 16 × 22 ..... 12$00

Construção Naval, V vol. (Armamento e acessórios dos navios de ferro), pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 130 págs., com 138 grav., formato 16 × 22 ..... 12$00

MANUAIS DE OFÍCIOS

Condutor de Automóveis, pelo eng. António Augusto Mendonça Taveira — No prelo.

Condutor de Máquinas, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 396 págs., 284 figs. e 15 est..... 25$00

Electricista (Novo Manual do), pelo eng. Hugo Pinto de Morais Sarmento — 1 vol. com 424 págs. e 246 grav. ..... 25$00

Fabricante de Tecidos, pelo eng. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 608 págs., com 342 grav. ..... 25$00

Ferreiro, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 238 págs., com 115 grav. e 34 estampas ..... 15$00

Fogueiro, pelos eng. António Mendes Barata e Raul Boaventura Real — 1 vol. de 384 págs., com 318 grav. ..... 18$000

Formador e Estucador, pelo prof. Joseph Füller — 1 vol. de 196 págs., com 66 gravuras..... 12$00

Fotógrafo, por Antero Dâmaso das Neves — 1 vol. de 204 págs., com 31 grav..... 12$00

Fundidor, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 232 págs., com 146 grav. 15$00

Galvanoplastia, por André Brochet, tradução de Manuel Véres — 1 vol. de 400 págs., com 148 grav..... 18$00

Marceneiro, por José Pedro dos Reis Colares — 1 vol. de 378 págs., com 299 grav. e 97 estampas..... 20$00

Motores de Explosão, pelo eng. António Mendes Barata — No prelo.

Navegante, pelo altmirane Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 308 págs. com 139 gravuras. ..... 15$00

Pilotagem, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 360 págs., com 119 gravuras. ..... 17$00

Serralharia Mecânica, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 412 págs., com 395 grav..... 20$00

Topografia e Agrimensura, pelo coronel Guedes Vaz e major Mousinho de Albuquerque — 1 vol. de 362 págs., com 238 grav. 18$00

Torneiro e Frezador Mecânicos, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 307 págs., com 372 grav. ..... 17$00

Vocabulário de Termos Técnicos, pelo eng.-maquinista Raul Boaventura Real — 1 vol. de 558 págs..... 30$00

DESCRIÇÃO DE DIVERSAS INDÚSTRIAS

Indústria Alimentar, por Pedro Prostes — 1 vol. de 180 págs., com 76 grav. .... 14$00

Indústrias de Fermentação, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 180 págs., com 72 grav..... 14$00

Indústria de Sabões e Sabonetes, por António Rio de Janeiro — 1 vol. de 100 págs., com 26 grav. ..... 10$00

Indústria do vidro, pelo prof. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 232 págs., com 111 grav..... 15$00

Todos estes livros são encadernados em percalina

Pedídos à LIVRARIA BERTRAND - R. Garrett, 73-75 - LISBOA

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editôres, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10$00

1 — **Da terra à lua,** viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.

2 — **Á roda da lua,** trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.

3 — **A volta ao mundo em oitenta dias,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:

4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.

5 — 2.ª parte — *O deserto de gêlo.* 1 vol.

6 — **Cinco semanas em balão,** trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.

7 — **Aventuras de três russos e três ingleses,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

8 — **Viagem ao centro da terra,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:

9 — 1.ª parte — *América do Sul.* 1 vol.

10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional.* 1 vol.

11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico.* 1 vol.

Vinte mil léguas submarinas:

12 — 1.ª parte — *O homem das águas,* trad. de Gaspar Borges de Avelar.

13 — 2.ª parte — *O fundo do mar,* trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.

A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:

14 — 1.ª parte — *Os náufragos do ar.* 1 vol.

15 — 2.ª parte — *O abandonado.* 1 vol.

16 — 3.ª parte — *O segrêdo da ilha.* 1 vol.

Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:

17 — 1.ª parte — *O correio do Czar.* 1 vol.

18 — 2.ª parte — *A invasão.* 1 vol.

O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:

19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860.* 1 vol.

20 — 2.ª parte — *A ilha errante.* 1 vol.

21 — **Uma cidade flutuante,** trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.

22 — **As Índias Negras,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:

23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico.* 1 vol.

24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa.* 1 vol.

25 — **O Doutor Ox,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1. vol.

Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:

26 — 1.ª parte — *A viagem fatal.* 1 vol.

27 — 2.ª parte — *Na África.* 1 vol.

28 — **A galera Chancellor,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

29 — **Os quinhentos milhões de Begun,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

30. — **Atribulações de um chinês na China,** trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.

A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:

31 — 1.ª parte — *A chama errante.* 1 vol.

32 — 2.ª parte — *A ressuscitada.* 1 vol.

A jangada, trad. de Pompeu Garrido:

33 — 1.ª parte — *O segrêdo terrível.* 1 vol.

34 — 2.ª parte — *A justificação.* 1 vol.

As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:

35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 1.º vol.

36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 2.º vol.

37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.

38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.

39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.

40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.

41 — **A escola dos Robinsons,** trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.

42 — **O raio verde,** trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.

Kéraban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:

43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari.*

44 — 2.ª parte — *O regresso.* 1 vol.

45 — **A estrêla do sul,** trad. de Almeida de Eça. 1 vol.

46 — **Os piratas do arquipélago,** trad. de João Maria Jales. 1 vol.

Matias Sandorff:

47 — 1.ª parte — *O pombo correio.* 1 vol.

48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux.* 1 vol.

49 — 3.ª parte — *O passado e o presente.* 1 vol.

50 — **O náufrago do «Cynthia»,** trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.

51 — **O bilhete de loteria n.º 9:672,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

52 — **Robur, o Conquistador,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:

53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar.* 1 vol.

54 — 2.ª parte — *Justiça.* 1 vol.

55 — **O caminho da França,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:

56 — 1.ª parte — *A escuna perdida.* 1 vol.

57 — 2.ª parte — *A colónia infantil.* 1 vol.

Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:

58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor.* 1 vol.

59 — 2.ª parte — *O padre Joan.* 1 vol.

60 — **Fora dos eixos,** trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.

César Cascabel:

61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente,* trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.

62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo,* trad. de Lino de Assunção. 1 vol.

A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:

63 — 1.ª parte — *A' procura dos náufragos.* 1 vol.

64 — 2.ª parte — *Deus dispõe.* 1 vol.

65 — **O castelo dos Carpathos,** trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.

66 — **Em frente da bandeira,** trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.

A ilha do Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:

67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões.* 1 vol.

68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.

69 — **Clovis Dardentos,** trad. de Higino de Mendonça. 1 vol.

A esfinge dos gêlos, trad. de Napoleão Toscano:

70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais.* 1 vol.

71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro.* 1 vol.

72 — **A carteira do repórter,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:

73 — 1.ª parte — *O filho do coronel.* 1 vol.

74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor.* 1 vol.

75 — **Um drama na Livónia,** trad. de Fernando Correia. 1 vol.

76 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.

77 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.

78 — **A invasão do mar,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

79 — **O farol do cabo do mundo,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

OBRAS
DE
JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br.... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA
ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de
Albino Forjaz de Sampaio
da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são impereciveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160$00
„ „ „ „ carneira 190$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.ª prestação e leva para casa os 21 volumes

HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS

antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17cm. × 26cm., 18.948 págs., 6.148 grav. e 59 hors-textes

ENCADERNAÇÃO PRÓPRIA EM PERCALINA

Os poucos exemplares que restam, resolveram os editôres, para facilitar a sua aquisição, vendê-los a prestações mensais

Preço desta obra colossal, encadernada, **Esc. 1.365$00**

1.ª prestação, Esc. 165$00 — As restantes 12, a Esc. 100$00 cada mês

Com o pagamento da 1.ª prestação o comprador leva imediatamente a obra completa para enriquecer a sua estante ou a sua banca de trabalho

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis organizada por um grupo de professores e homens de letras

À VENDA

a 2.ª edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reune tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres e ouro, **Esc. 30$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 33$00**

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM UNICO VOLUME, manuseável, de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

■

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

ESTÁ À VENDA O

ALMANAQUE BERTRAND

para **1936**

37.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Unico no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 407 gravuras
cartonado... **10$00**

Encadernado luxuosamente... **18$00**

Pelo correio à cobrança, mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA